



INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Residências Assistidas para Idosos:

Uma reflexão crítica a partir dos conceitos Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência, tal como propostos por Herman Hertzberger:
Uma residência em Beringel.

Pedro Filipe Alves Palma Ruivo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientadora:

Prof.a Doutora Arquitecta Clara Germana Ramalho Moutinho Gonçalves

Setembro de 2014

PEDRO FILIPE ALVES PALMA RUIVO

**RESIDÊNCIAS ASSISTIDAS PARA IDOSOS. UMA REFLEXÃO
CRÍTICA A PARTIR DOS CONCEITOS FORMA, FUNÇÃO,
ESTRUTURA, FLEXIBILIDADE E POLIVALÊNCIA, TAL COMO
PROPOSTOS POR HERMAN HERTZBERGER:
UMA RESIDÊNCIA EM BERINGEL.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 17/10/2014 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 20/2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Luiz Filipe Pires Conceição

Vogais:

Prof.^a Doutora Ana Cristina Santos Bordalo
(Arguente)

Orientador:

Prof.^a Doutora Clara Germana Ramalho
Moutinho Gonçalves

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2014

Resumo

Título da Dissertação

RESIDÊNCIAS ASSISTIDAS PARA IDOSOS: Uma reflexão crítica a partir dos conceitos forma, função, estrutura, flexibilidade, e polivalência, tal como propostos por Herman Hertzberger: Uma residência em Beringel

Resumo

O presente trabalho pretende abordar questões referidas com a Habitação Geriátrica, nomeadamente a sua organização e conceitos sobre quais se pautam estes equipamentos, qual a sua preponderância na vida dos seus utentes, bem como a sua importância na nossa sociedade.

Para um melhor entendimento desta temática foram estudadas matérias no âmbito do *Assisted Living Facilities* que foram conjugadas, de uma forma genérica, com os conceitos fundamentais da arquitectura: Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência.

Procedeu-se ainda ao levantamento e à análise de casos de estudo de edifícios geriátricos, no sentido de consolidar a apreensão das noções estudadas.

A aplicabilidade destes conceitos foi testada num projecto de arquitectura de uma Residência Assistida localizada na vila de Beringel.

Palavras-Chave: Residências Assistidas; Idosos; Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência; Beringel.

Abstract

Title

ASSISTED RESIDENCE FOR ELDERLY: A critical reflection based in the concepts proposed by Herman Hertzberger, form, function, structure, flexibility and versatility. A residence in Beringel.

Abstract

The following work pretends to approach questions related with the Geriatric Housing, namely its organization and the concepts on which these buildings are ruled, what it is there preponderance in the lives of the users, as well as its importance in our society.

For a better understanding of this subject several matters were studied under the Assisted Living Facilities scope, which were combined, in a generic way, with the basic concepts of architecture: Form, Function, Structure, Flexibility and Versatility.

There were made several studies and analysis of similar geriatric buildings, in order to consolidate all the studied notions.

The applicability of these concepts was tested in an architectural preliminary design of an Assisted Residence located in Beringel.

Key-Word: Assisted Residence; Elderly; Form, Function; Structure, Flexibility and Versatility; Beringel.

Agradecimentos

Quero agradecer a toda a minha família e amigos que me apoiaram e incentivaram na elaboração deste trabalho, em especial à Professora Clara Gonçalves pela dedicação e sabedoria que me transmitiu.

Quero dedicar este trabalho à memória da minha Avó, à minha Mãe e à minha Mulher.

Índice

Introdução	1
Parte I	
1. Enquadramento e discussão de conceitos	3
1.1. Realidade demográfica: evolução e novas necessidades	3
1.2. <i>Design for assisted living</i> : recomendações para o desenho de residências assistidas	5
1.3. Herman Hertzberger: conceitos fundamentais na arquitectura: Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência	8
2. Estado da Arte	18
2.1. História: surgimento das casas para idosos	18
2.2. Enquadramento: Residências Assistidas	19
2.3. Estudo de Casos	20
2.3.1. De Drie Hoven, Herman Hertzberger, Amsterdão, Holanda, 1972-1974	21
2.3.2. Residencial para a terceira idade, Peter Zumthor, Chur, Suíça, 1992-1994	25
2.3.3. Casa para idosos, Toyo Ito, Yatsushiro, Japão, 1992-1994	29
2.3.4. Residências assistidas da terceira idade, Frederico Valsassina, Parede, Cascais 2000-2005	33
2.3.5. Lar de idosos – Aires Mateus, Alcácer de Sal, 2006-2010	37
Parte II	
1. Residência Assistida Condes do Prado em Beringel	41
1.1. Enquadramento da proposta	41
1.2. Programa	41
1.3. Legislação aplicável	44
2. Aplicação de conceitos	45
2.1. Aplicação das recomendações propostas em <i>Design for assisted living</i>	45
2.2. Aplicação dos conceitos forma, função, estrutura, flexibilidade e polivalência, segundo Herman Hertzberger	51
3. Descrição do Projecto	58
4. Desenhos	73
Considerações finais	79
Bibliografia	81

Introdução

Introdução

Apresentação do tema

A mudança representa um fenómeno inerente à passagem do tempo e é simultaneamente transversal a tudo o que existe, existiu e existirá na Terra. Com o tempo e a sua passagem alteram-se ideais, sociedades, credos, rios, montanhas, mares, cidades e edifícios. Invocando a obra *A Origem das Espécies* (1859) de Charles Darwin (1809-1882), apenas resistem por mais tempo os que têm maior capacidade de se adaptar às novas necessidades que vêm arrastadas pelo tempo.

Perante estes factos é urgente implementar medidas que visem apoiar a população sénior proporcionando-lhe um envelhecimento digno, que seja activo e integrado na sociedade, ao mesmo tempo que são criadas estratégias que visem contrariar o estado de evolução da pirâmide demográfica de Portugal.

É urgente adaptar a sociedade às mudanças sociais que se avizinham. Neste momento ocorrem em Portugal dois fenómenos demográficos que aliados poderão conduzir o país a uma grave crise socioeconómica. Se por um lado a esperança média de vida dos portugueses está a aumentar, por outro, a natalidade está a diminuir, fruto do *modos vivendis* contemporâneo e da situação económica que gera incerteza em relação ao futuro. Em poucos anos o país verá diminuída a sua população activa e registará um aumento da população sénior que em breve será a faixa etária mais numerosa. Hoje em dia o ritmo de crescimento da população idosa é quatro vezes superior ao da população jovem.¹

A proposta da residência assistida para séniores de Beringel não pretende ser um modelo a seguir no que toca ao acto de projectar uma residência geriátrica. Pretende, sim, ser um projecto criterioso capaz de responder com eficácia à função para a qual foi desenhado e que encerra em si capacidades que possibilitem adoptar novas funções à medida que as necessidades sociais se vão alterando, para que este e outros edifícios agora projectados sejam resistentes ao tempo. Hoje pode ser uma residência geriátrica mas amanhã poderá ser um hotel, uma residência de estudantes ou um edifício de escritórios.

Neste sentido pareceu oportuno reflectir sobre estas questões através de um projecto de arquitectura.

Objectivos

Esta dissertação surge no sentido de alertar e de dar uma resposta a este fenómeno social que se desenvolve no nosso país. Pretende igualmente reflectir sobre a habitação para idosos no futuro através da execução de um projecto de arquitectura de uma residência sénior cuja localização é na Vila de Beringel, Beja, e incidirá sobre a reabilitação de um edifício. Serão também explorados conceitos que preveem o funcionamento do edifício enquanto edifício geriátrico, bem como a

¹ INE. *O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*, Lisboa, 2002

apropriação do mesmo por outros usos, caso haja no futuro a necessidade de instalar no seu interior outras funções.

Para tal, será feita uma análise às projecções demográficas efectuadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), e a outros estudos que ajudem a melhor entender a dimensão deste flagelo, no sentido de enquadrar esta proposta e de lhe conferir as faculdades adequadas para esta desempenhe bem as funções para as quais foi criada.

Método

A concepção e materialização da proposta partiram da análise e apreensão de vários conceitos, nomeadamente os do arquitecto holandês Herman Hertzberber (n. 1932), forma, função, estrutura, flexibilidade e polivalência, publicados na obra *Lições de Arquitectura* e, das recomendações para o desenho de um edifício geriátrico publicadas por Victor Regnier (n. 1947) na obra *Designing for Assisted Living* (1994)

No sentido de consolidar as decisões tomadas no desenho do edifício, foram estudados outros exemplos de arquitectura geriátrica, quer do panorama nacional, quer do panorama internacional. O desenho da proposta foi feito de acordo com a legislação genérica que rege os edifícios em Portugal e as leis específicas aplicadas aos edifícios de cariz geriátrico.

Justificação

A escolha do edifício a intervencionar prende-se com o facto de este reunir em si um conjunto de características que são favoráveis à instalação de um equipamento de natureza geriátrica, nomeadamente, a sua dimensão enquanto conjunto (edifícios contíguos e dimensão da propriedade de que faz parte), a sua localização, na junção povoação/campo, a proximidade de outros equipamentos que podem interagir com a residência assistida e seus utentes e a exposição solar que representa uma mais-valia em termos de eficiência energética.

Além de ter lugar em Beringel, minha terra natal, este projecto surge, ainda, necessidade em dar resposta a uma vontade e carência social de décadas desta vila em ter um lugar que acolha, cuide e simultaneamente integre a sua faixa etária mais sábia.

Estrutura

Este trabalho está estruturado em duas partes, sendo a primeira dedicada à realidade demográfica do país, ao estudo dos conceitos que suportam o projecto da Residência Assistida de Beringel, ao estudo de casos de outros edifícios similares, passando ainda por um breve enquadramento histórico do aparecimento dos edifícios de assistência social.

Na segunda parte será testada a aplicabilidade dos conceitos através de uma reflexão num projecto de arquitectura de um equipamento geriátrico.

1. Enquadramento e discussão de conceitos

1. Enquadramento teórico

Actualmente Portugal apresenta mudanças em larga e acelerada escala na sua demografia que poderão originar graves consequências sociais, económicas e culturais. Motivada pelos avanços científicos na área da medicina, pela alteração dos hábitos de alimentação e de vida, a esperança média de vida do homem do séc. XXI aumentou e continua a aumentar progressivamente. Porém em sentido inverso, os índices de fecundidade e fertilidade apresentam-se cada vez mais baixos contribuindo para uma diminuição da taxa de natalidade e consequente fraca renovação da população, diminuição da população activa, resultando no agravamento da situação económica do país.²

1.1. Realidade demográfica: Evolução e novas necessidades

Os recentes estudos do INE, apontam que a população residente em Portugal, comparativamente ao ano de 2012, irá registar uma diminuição em qualquer que seja o cenário de projecção (baixo, central, alto e sem migrações). No cenário central os números populacionais passarão de 10,5 milhões em 2012 para 8,5 milhões em 2060.

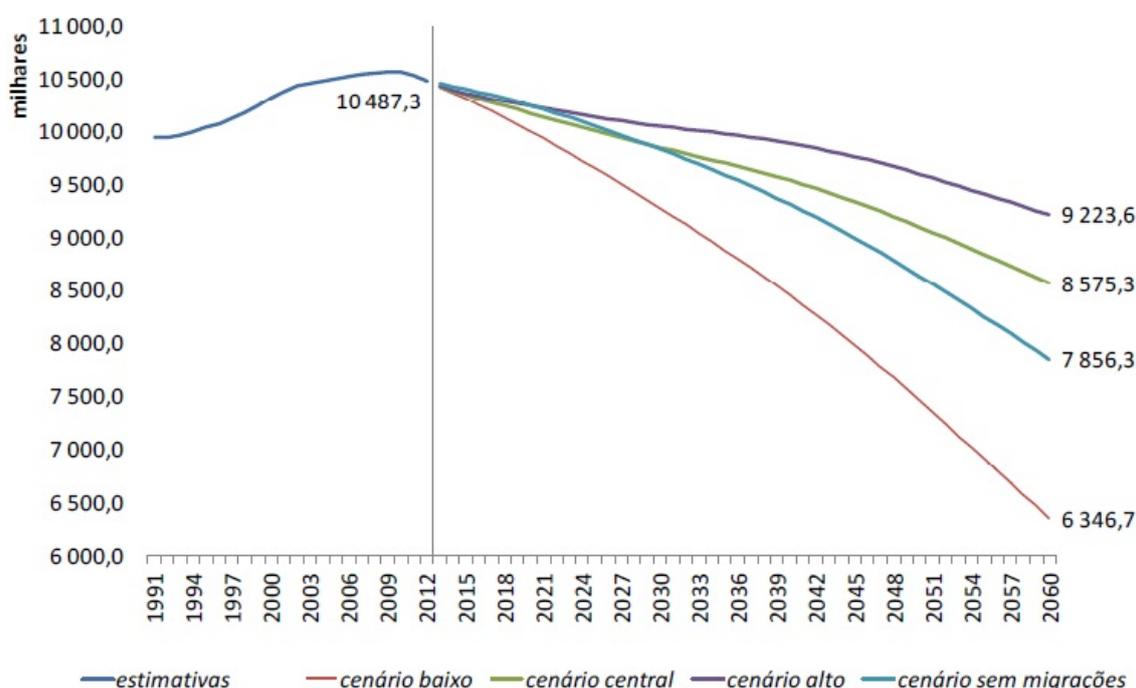


Figura 1- População residente em Portugal-Estimativa e Projecções 1991-2060
[Fonte: INE, 2014]

Dentro em breve será a faixa etária sénior que possuirá maior representatividade na população portuguesa, diminuindo igualmente o índice de cidadãos activos (15 anos-64 anos) por cada idoso

² Carneiro, Roberto (coord.), *O Envelhecimento da População: Dependência, Activação e Qualidade*. Centro de Estudos dos Povos e culturas de Expressão Portuguesa/FCH-UCP. Lisboa, 2012

(mais de 65 anos). Os números são bem expressivos e preocupantes pois em 2012 por cada 100 jovens existiam 131 idosos e em 2060 passarão a 307. O índice de sustentabilidade económica potencial será drasticamente também afectado, pois passamos de 340 pessoas em idade activa por cada 100 idosos (2012) para 149 em 2060.

Estes dados obrigam-nos a encontrar soluções que respondam às necessidades que a crescente população idosa irá ter no futuro. Nomeadamente, o papel que desempenhará na sociedade, a sua integração, o modo que esta interage, assistência, e modos de habitação e acolhimento. Todos estes aspectos terão que ser direccionados para um objectivo que possibilite dinamismo social e económico para que se possam criar bases para uma futura inversão na pirâmide demográfica.

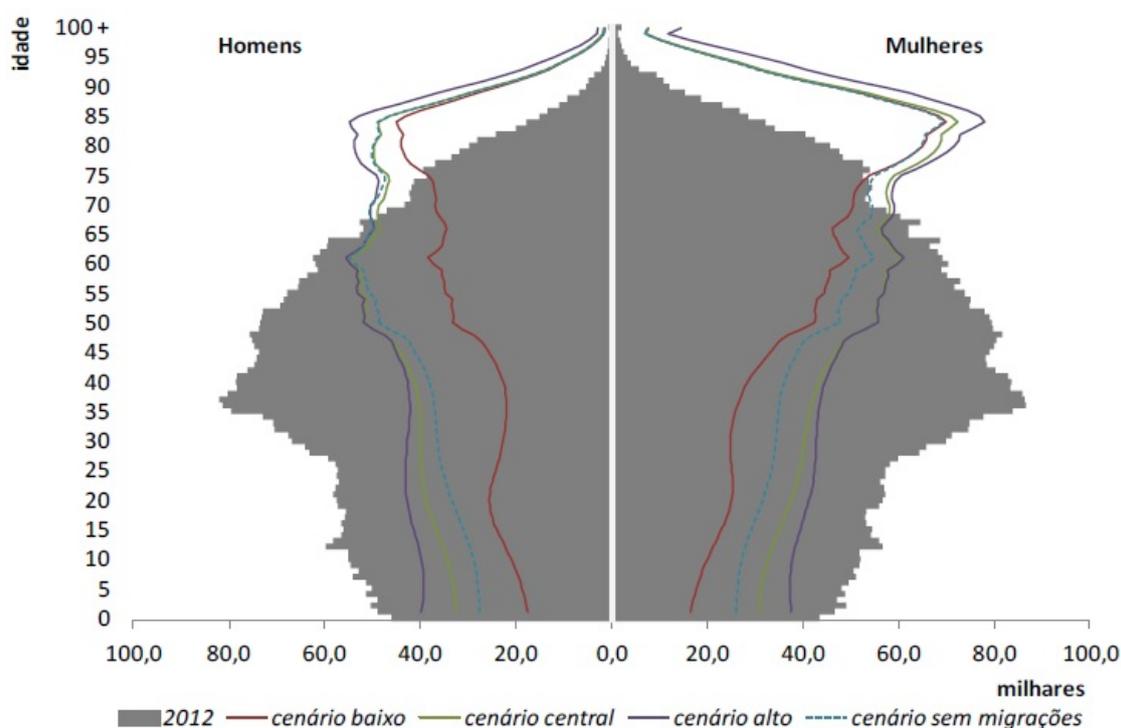


Figura 2 – Pirâmide etária, Portugal 2012 (estimativas) e 2035 (projeções por cenários)
[Fonte: INE, 2014]

Isolamento social sénior

Todas estas transformações demográficas irão conduzir e/ou potenciar o aumento de outros fenómenos sociais, nomeadamente factores associados ao isolamento social que por sua vez originam e agravam problemas relacionados com cuidados de saúde, abandono e alojamento. O isolamento social sénior é hoje um problema bem presente na nossa sociedade com tendência a aumentar.

Na base do isolamento social estão alguns factores que desde variam entre a existência de uma doença mental ou limitação física, ser muito idoso (mais de 80 anos), viver sozinho, ser cuidador de outrem durante muito tempo, sofrer a perda de um ente querido, ser vítima de maus tratos na

terceira idade, ter dificuldades de comunicação (perda de audição), possuir baixas habilitações, ter dificuldade de acesso a transportes, residir em zonas pobres.

A operação censos sénior 2012 da Guarda Nacional Republicana (GNR), registou 23 001 idosos a viver sozinhos ou em situação de isolamento. A comparação com os resultados da operação censos sénior 2011, diz-nos que este fenómeno apresenta um estado de crescimento rápido, pois em 2011 o numero de séniores a viver sozinhos e/ou isolados era de 15 596.³

1.2. Design for assisted living: Recomendações para o desenho de residências assistidas

Perante estes factos não há duvidas que no futuro será a faixa sénior a predominante na organização das nossas sociedades. Podemos ainda afirmar que estamos a assistir ao aparecimento de uma nova faixa etária, se considerarmos uma faixa que representa um grupo crescente de cidadãos com idade superior a 84 anos, os muito idosos.

Mas, se por um lado os avanços da medicina proporcionam uma vida cada vez mais longa, por outro, a sociedade não acompanhou racionalmente esta tendência, esquecendo-se que a saúde física por si só é insuficiente para garantir um envelhecimento socialmente activo que faça face à perda de autonomia e ao isolamento social.

No decorrer das últimas décadas foram realizados vários estudos no âmbito *assisted living* que conduziram a conclusões que revelaram que os séniores cujas instalações onde viviam lhes conferiam mais autonomia, independência, liberdade de escolha e decisão, apresentavam maiores melhorias de saúde em todos os aspectos e integração social, comparativamente com outros séniores que residiam em edifícios geriátricos tipo hotel com serviços ambulatório cuja autonomia dos utentes se resumia à capacidade de cumprir horários.⁴

Na obra de Victor Regnier intitulada de *Design for Assisted Living: Guideliner for Housing the Physically and Mentally Frail* estão descritas o conjunto de directivas que devem ser seguidas, cujo objectivo é o de orientar e ajudar a organizar e desenhar um edifício com estas funções e características. As linhas orientadoras enumeradas por Regnier têm duas vertentes distintas, em que uma é mais orientada para o desenho arquitectónico do edifício, e outra para aspectos de funcionamento social do equipamento em si.

³ Carneiro, Roberto (coord.), *O Envelhecimento da População: Dependência, Activação e Qualidade*, Centro de Estudos dos Povos e culturas de Expressão Portuguesa/FCH-UCP, Lisboa, 2012

⁴ Reed, Leigh, Tremblay, *Designing assisted living facilities to foster a sense of home*, Housing and Society, Vol. 34, n.º 2, 2007

Caracter, Escala, Privacidade, Envolvimento, Serviços, Singularidade, Independência Estimulação, e Ligações ⁵

Caracter, escala, privacidade, independência, singularidade, estimulação, envolvimento, ligações e serviços, constituem o conjunto de premissas elaboradas por Victor Regnier e que devem ser seguidas e tidas em conta quando se projecta uma residência sénior para que esta desempenhe da melhor forma a função para a qual é desenhada. Seguidamente serão apresentados separadamente as recomendações orientadoras para o *Assisted Living*.

Arquitectura

Carácter

A escolha dos materiais e acabamentos deve se elaborada de modo a que o edifício seja entendido como uma habitação e não com um edifício hospitalar. Para tal é necessária uma organização em que a proporção espaço/uso seja equilibrada e que a articulação entre estes fomente o desenvolvimento e criação de relações sociais entre os utentes.

Escala

O edifício deve ser entendido como casa, para que o conceito de família seja criado e desenvolvido no seio da comunidade que reside no edifício. É igualmente aconselhado que a dimensão do edifício projectado seja condizente com o local onde está implantado, sem descorar a relação n.º de utentes/área.

Privacidade

Cada utente/morador deverá ter o seu próprio espaço, a sua habitação, que terá fechadura própria, espaço de cozinha, quarto, sala e instalação sanitária completa e acessível. Estes princípios conjugados com a introdução de hábitos de identificação antes da entrada do utente no edifício contribuem como forma de incentivo à ocupação individual do espaço.

Envolvimento

Uma vez o sénior integrado enquanto morador da residência, é importante garantir a conservação dos laços familiares. Assim, o desenho do edifício deve prever a existência de espaços onde seja possível ao idoso disfrutar da companhia dos seus familiares e simultaneamente interagir com outros utentes através do desenvolvimento de actividades em conjunto.

⁵ Reed, [et al], *Designing assisted living facilities to foster a sense of home*, Housing and Society, Vol. 34, n.º 2, 2007

Serviços

Embora o edifício tenha que assumir um carácter de casa familiar, não descora o facto de este não estar preparado e equipado para receber e assistir utentes com necessidades especiais, sejam elas de natureza demente, motora/mobilidade ou de cariz psicológico/mental.

Funcionamento Social

Singularidade

A interacção entre utentes é fundamental na dinâmica social da residência, pois permite a partilhas de interesses e conhecimentos pessoais e individuais entre a comunidade. O desenvolvimento de actividades em conjunto são uma mais-valia para a sociedade que habita na residência.

Independência

Integração, protecção e independência, são objectivos primordiais a garantir neste conceito de habitação assistida. Os utentes deverão ser respeitados de uma forma equidistante independentemente do seu estado físico ou mental, para que problemas sociais como o abandono sejam inexistentes promovendo assim a independência de cada um.

Estimulação

A actividade física deve ser uma constante como combate ao sedentarismo, para que não haja perda e/ou redução de mobilidade. A parte intelectual deve ser igualmente estimulada para travar o aparecimento de doenças mentais. O lema a seguir e a interiorizar é “*anima sana in corpore sano*”

Ligações

Os séniores residentes transportam em si ligações a lugares e pessoas que faziam parte do seu quotidiano diário. É imprescindível não romper essas ligações, organizando visitas aos sítios onde antes viviam para que reencontrem familiares, vizinhos e amigos. De igual modo, o próprio edifício deverá estabelecer ligações institucionais com outros equipamentos sociais, como centros de dia, bibliotecas, igreja e associações para que o sentimento de integração e participação social sem mantenha inalterado.

1.3. Herman Hertzberger: conceitos fundamentais na arquitectura: Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência

Os conceitos apresentados neste ponto têm como base de estudo a tradução brasileira da obra *Lições de Arquitectura* da editora Martins Fontes, São Paulo, 2006. Esta edição é uma tradução da obra cujo título original é *Lessons for Students in Architecture* e o autor é Herman Hertzberger. A primeira edição foi publicada em inglês e data de 1991, Amsterdão.

Forma e Função

Inerente ao acto de projectar um edifício que acomodará um programa específico, está a relação entre a forma projectada e a função ou funções que o edifício irá acomodar.

Durante o exercício o arquitecto tentará encontrar a melhor solução possível para o problema e define esse espaço que se materializará na forma que considera melhor responder às exigências da *função* a acomodar. Assim sendo, podemos afirmar que existe uma ligação próxima estabelecida entre *forma* e *função*. Porém, não existe uma relação exclusiva entre determinadas formas e funções.

A História da Arquitectura é fértil em situações cujas formas projectadas acabaram por acomodar funções diferentes para as quais foram originalmente projectadas. Estas apropriações foram feitas de uma maneira planeada ou por vezes fruto de casualidade. Na obra *Lições de Arquitectura* de Herman Hertzberger, o autor faz referência a lugares que se viram ocupados por funções muito díspares das que inicialmente apropriaram.

Construído em 1853, o Viaduto da Praça da Bastilha, Paris, é um dos exemplos apontados pelo autor. Esta estrutura foi inicialmente construída para ser um viaduto de caminho-de-ferro. Estando elevado em relação à rede viária da cidade, a estrutura está assente em 72 arcos. Embora a forma semicircular do vazio do arco não seja a forma mais convidativa para construções, foi precisamente aí que começaram a surgir, de uma forma imprevista, novos e diferentes usos. Hoje, o viaduto que podia ter sido entendido com um obstáculo, segue o seu caminho integrado na cidade não como viaduto ferroviário mas sim como pedonal e conduz os transeuntes a outro edifício que também viu apropriada a sua forma por outra função: a antiga Estação Ferroviária de Vincennes, actual edifício da ópera de Paris.⁶

⁶ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo. Martins Fontes, 2006



Figura 3- Viaduto da Bastilha (1853)

[<http://www.cristinamello.com.br/?p=4120>; acedido 3 de Janeiro de 2014]



Figura 4 – Viaduto da Bastilha (1853)

[<http://www.cristinamello.com.br/?m=201208>; acedido a 3 de Janeiro de 2014]

A praça Rockefeller em Nova Iorque, Estados Unidos da América, constitui um exemplo em que a apropriação da forma é feita por duas funções diferentes consoante a época do ano.

No inverno a praça gela e assume a função de pista de patinagem no gelo. No verão o gelo desaparece e a praça transforma-se numa mega esplanada onde os cidadãos convivem e aproveitam o sol. Desta forma, a praça tem a sua função e utilização maximizadas.⁷

⁷ HERTZBERGER, Herman. *Licções de Arquitectura*. São Paulo. Martins Fontes, 2006



Figura 5 – Praça Rockefeller, no Verão
[<http://www.gothereguide.com/rockefeller+center+new+york-place/>;
acedido a 3 de Janeiro de 2014]



Figura 6 – Praça Rockefeller, no Inverno
[<http://wirednewyork.com/guide/ice-skating/>;
acedido a 3 de Janeiro de 2014]

Ao observarmos a imponência da escadaria de entrada da Biblioteca da Universidade de Columbia em Nova Iorque, quase nos sentimos desencorajados a entrar, uma vez que a sua monumentalidade intimida quem as transpõe. Porém, nesta monumentalidade característica em escadarias de edifícios simbólicos, foram encontradas outras funções. Como se pode observar na figura a baixo, a escadaria é também um espaço exterior de refeições, de reunião ou de tribuna para alguém discursar.



Figura 7 – Biblioteca da Universidade de Columbia, Nova Iorque
[<https://www.flickr.com/photos/christinyca/4542703815/>;
acedido a 3 de Janeiro de 2014]

Os anfiteatros de Lucca, em Itália, e Arles, em França são mais dois exemplos enumerados por Hertzberger em que edifícios com a mesma forma e função vêm-se a desempenhar novas funções, completamente distintas, por força das circunstâncias. O primeiro, Lucca, foi absorvido pela cidade e funciona como conjunto de habitações e como praça. O segundo foi fortaleza durante a Idade Média sendo depois ocupado por edifício formando cidade até ao século XIX, quando lhe foi devolvida a sua forma inicial.



Figura 8 – Anfiteatro de Lucca, Itália

[<http://www.toscanabella.com/images1/fullscreen/Lucca.jpg>; acedido a 3 de Janeiro de 2014]



Figura 9 - Anfiteatro de Arles, França

[http://www1.planete.qc.ca/nettie/fiche.php?no_images=925&taille=2; acedido a 3 de Janeiro de 2014]

Os exemplos apresentados são demonstrativos que uma forma pensada e projectada para acomodar uma determinada função específica, pode acolher em si novas e outras funções diferentes daquelas para a qual foi inicialmente construída e que estas mudanças ocorrem por alterações das necessidades.

“Em todos estes exemplos, os objectivos múltiplos que a estrutura original permitiu, não foram deliberada ou intencionalmente inseridos na estrutura. É antes a sua “competência” intrínseca que faz como que se tornem capazes de desempenhar funções diferentes sob circunstâncias diferentes”⁸

Assim este fenómeno não deve ser encarado como uma ineficácia da forma projectada em relação ao uso que lhe foi inicialmente atribuído, deve sim ser vista como versátil e capaz de responder as necessidades exigidas pelas circunstâncias. O arquitecto exerce influência na forma apenas génese, depois o edifício fica à mercê das transformações que ocorrem à sua volta.

Os exemplos anteriores são bem explícitos no que toca à influência que a forma exerce sobre a função. Observemos o Viaduto da Praça da Bastilha em que a mesma forma originou diversas apropriações. Por outro lado fica igualmente demonstrado que esta relação entre a forma e a função é recíproca, pois a função também influencia a forma projectada. Vejamos o exemplo dos anfiteatros em que é a função a definir a forma.

O acto de projectar em arquitectura é um acto público, visível por todos e passível de suscitar diferentes juízos individuais que variam de pessoa para pessoa, de cultura para cultura. Podemos assim afirmar que o potencial da forma projectada é proporcional ao número de interpretações individuais que esta admitir.

Estrutura

[...]“a estrutura equivale ao colectivo, ao geral, ao (mais) objectivo e permite a interpretação quanto ao que se espera e ao que se exige dela numa situação específica [...] uma forma ampla que, mudando pouco ou nada, é adequada para acomodar situações diferentes“[...] ⁹

[...]“ forma é capaz de adaptar-se a uma variedade de funções e de assumir numerosas aparências, ao mesmo tempo em que permanece fundamentalmente a mesma“ [...] ¹⁰

Será a estrutura um elemento rígido, castrador da liberdade de criação, ou poderá ser encarado como um elemento coordenador que possibilita vários conceitos e ideias individuais? Ao olharmos para uma estrutura geometricamente regular ficamos com a sensação imediata que esta se apresenta com um factor inibidor da criatividade. Porém, numa segunda análise a estrutura pode ser entendida como elemento regulador e unificante de várias criações e interpretações individuais do mesmo espaço.

⁸ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.102

⁹ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.94

¹⁰HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.103

Se voltarmos ao exemplo do Viaduto da Praça da Bastilha, em Paris, observamos que a implantação de uma estrutura em que existe uma repetição de forma sucessiva (arco) originou várias interpretações do elemento e originou apropriações diferentes.



Figura 10 - Viaduto da Bastilha (1853)

[<http://en.parisinfo.com/shopping-paris/73812/Paris-Viaduc-des-Arts>; acedido a 3 de Janeiro de 2014]

Neste sentido torna-se obrigatório mencionar Le Corbusier (1887-1965) e o seu plano para Argel (1930), Argélia. Na altura Argel era uma colónia francesa e o governo pede a Le Corbusier para fazer uma intervenção na cidade que fosse digna de uma capital. Le Corbusier acede ao programa através da implementação de uma "megaestrutura alongada que segue a orla do mar como uma fita"¹¹ com o objectivo de "combinar uma rodovia e um conjunto de moradias"¹². A estrutura teria vários níveis sobrepostos onde estariam dimensionados os limites de cada lote que serviriam para a implantação das moradias.

Com a aplicação deste conceito de megaestrutura promove liberdade de escolha aos seus ocupantes dando-lhes a oportunidade " de criar suas as casas exactamente como desejam, ou de acordo com as ideias dos "seus próprios" arquitectos"¹³. Na representação seguinte, desenhada pelo arquitecto, podemos ver que é possível haver uma articulação harmoniosa entre vários métodos de construção e materialidades completamente díspares. Esta coexistência de diversidades só é possível devido à liberdade de ocupação do espaço na estrutura que vê a sua qualidade melhorada proporcionalmente ao aumento dessa mesma diversidade. "Assim, caos e ordem parecem necessitar um do outro"¹⁴

¹¹ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.108

¹² HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.108

¹³ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.109

¹⁴ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura. São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.109

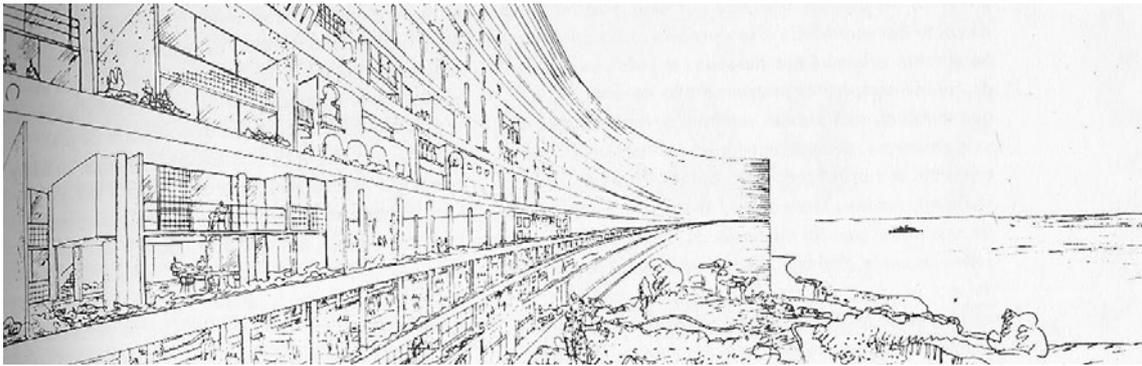


Figura 11 – Le Corbusier. Desenho da proposta do plano de Argel (1930)
 [Herman Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, 2006; pág. 109]

Herman Hertzberger tem na sua obra *Lições de Arquitectura*, uma expressão curiosa quando se refere ao projecto De Drie Hoven, Lar para idosos, em Amsterdão, de sua autoria "A estrutura pode ser comparada a uma árvore que perde as suas folhas durante todo o ano. A árvore permanece a mesma, sendo as folhas que se renovam a cada primavera"¹⁵

Esta frase surge na sequência da análise que o arquitecto faz quando vê alterados os espaços que criou no projecto do lar de idosos. Sem sua consulta e autorização prévia os utilizadores do edifício alteraram-no sem critério. No entanto, o arquitecto encara este facto numa perspectiva positiva, pois as alterações que ocorrem à sua revelia, são fruto da liberdade de escolha que a estrutura que projectou oferece, e estas alterações não alteram o conceito geral por si criado. É como se o edifício se regenerasse e autodefendesse.

Este resultado só é possível devido a um sistema regular de pilar/viga que se repete e propaga por todo o complexo e ao posicionamento racional e criterioso dos elementos transversais a todo o edifício, tais como escadas, elevadores, redes de água, esgotos, electricidade e ventilação. Desta forma são permitidas novas apropriações recorrendo a poucas ou nenhuma alteração sem que o edifício perca coesão estrutural e a sua identidade.

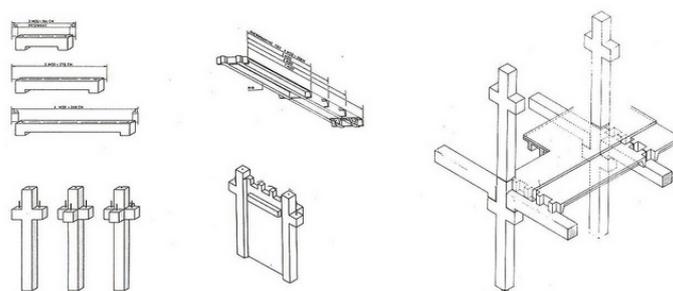


Figura 12 - Herman Hertzberger. Esquema da estrutura do edifício geriátrico De Drie Hoven, (1972) Amsterdão
 [https://www.flickr.com/photos/krokor/5473856643/; acedido a 3 de Janeiro de 2014]

¹⁵ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo, 2006; p.132

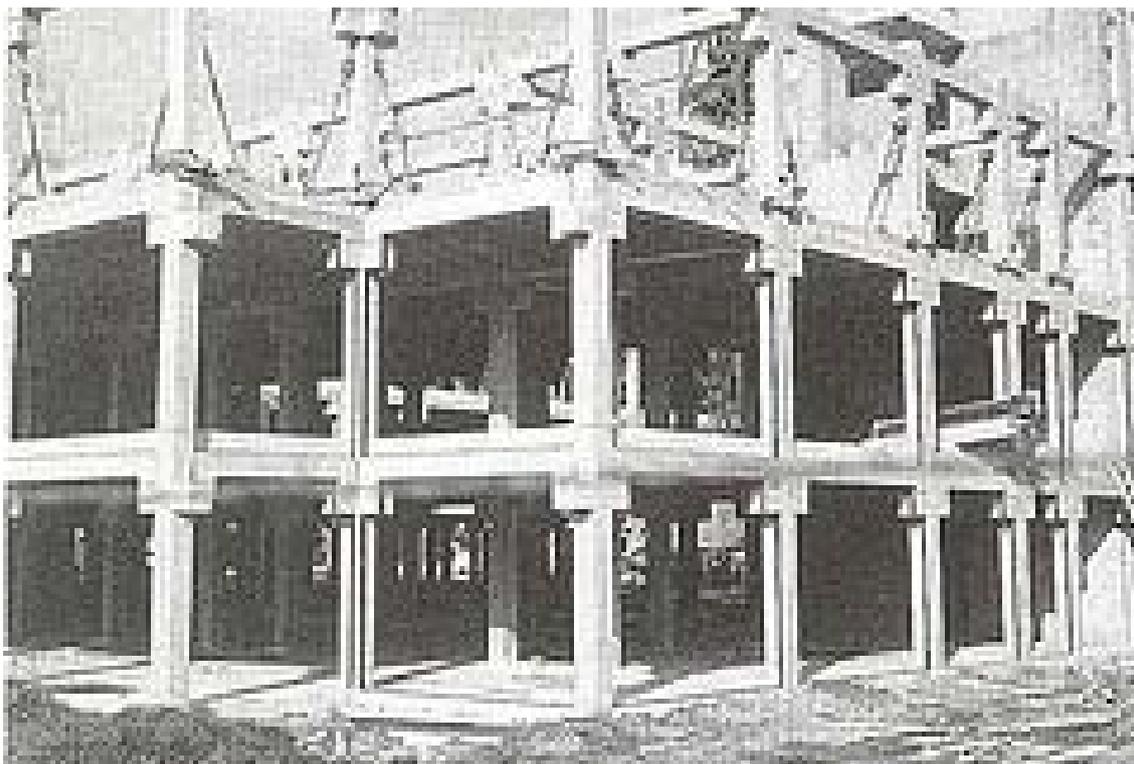


Figura 13 – Herman Hertzberger. Sistema estrutural do edifício geriátrico De Drie Hoven, (1972), Amsterdão
[<https://www.flickr.com/photos/krokorrr/sets/72157626003369047/detail/?page=4>; acedido a 3 de Janeiro de 2014]

Este factor leva-nos a entender este edifício como flexível e/ou polivalente, capaz de mutar consoante as necessidades exigidas pelas circunstâncias do momento. No próximo subtítulo os conceitos de flexibilidade e polivalência serão aprofundados.

A introdução de uma geometria coordenadora do espaço na acomodação de usos não é exclusiva da escala do edifício. Esta “regra” é também adequada ao plano urbanístico e com resultados idênticos, na medida em que a sua presença suscita diferentes interpretações e formas de apropriação do espaço sem detrimento da sua forma original e com uma mais-valia qualitativa originada pela diversidade de ideias.

São inúmeras as cidades que optaram pela introdução da grelha como elemento estruturante do seu planeamento urbanístico. A grelha possibilita uma hierarquização de vias e espaços sem que a criatividade na ocupação seja afectada. Os planos de Cerdà (1815-1876), em Barcelona, e o desenho de Manhatam (1811), em Nova Iorque, constituem bons modelos dessa estratégia urbanística.

Apesar da presença de uma grelha fechada, os arquitectos facilmente encontram espaço de manobra para se libertarem e recriarem. A intervenção levada a cabo por Gaudí (1852-1926), casa Milà (1906), numa das esquinas da grelha de Barcelona ilustra bem as possibilidades a explorar.

Flexibilidade e Polivalência

[...]“A cidade está sujeita a constante mudança; a cidade nunca se submeteu e continua a não se submeter às regras do crescimento orgânico e da evolução funcional, de acordo com as quais o Homem lhe tentou dar forma. Cada dia, cada estação, e em longo prazo, surgem mudanças temporárias, duradouras, acidentais ou regulares”[...]”¹⁶

Esta recorrente mutabilidade põe em risco a continuidade de muitas criações que, ao ficarem obsoletas, são abandonadas ou é-lhe atribuído uma nova função que esta desempenha ineficazmente. Assim, torna-se necessário criar soluções resistentes às mudanças que acompanham o tempo, para que o projecto não fique destinado a cair na obsolescência quando deixar de responder às exigências trazidas pelas sucessivas realidades.

É, no entanto, difícil associar o factor imprevisibilidade às soluções adoptadas num projecto. A incerteza inerente às transformações que ocorrerão no futuro dificulta a criação de uma solução capaz de responder com eficácia às necessidades actuais e que simultaneamente preveja uma eventual adaptação futura.

Flexibilidade

“Flexibilidade significa – já que não há uma solução única que seja preferível a todas as outras – a negação absoluta de um ponto de vista fixo. O plano flexível tem o seu ponto de partida na incerteza de que a solução correcta não existe, já que o problema que requer esta solução está em permanente fluxo, isto é, sempre temporário.”¹⁷

É neste contexto que o conceito de flexibilidade ganha relevância e assume o papel de cura para todos os males da arquitectura. A criação de ideias neutras e equidistantes a várias funções parecia constituir a solução mais eficaz para que os edifícios resistissem ao tempo. Todavia esta neutralidade traduziu-se na falta de traços característicos e na ausência de identidade.” *O problema da mudança não é tanto uma questão de ter de adaptar e mudar traços característicos, mas de, antes de tudo, possuir esses traços característicos.*”¹⁸

Ao abordarmos a vertente flexível como solução devemos estar conscientes que o problema ao qual pretendemos dar resposta “*está num estado permanente de fluxo*”¹⁹. Esta condição sujeita a que a eficácia da nossa resposta seja de cariz temporário e que será substituída por outra realidade. Mas, embora as soluções flexíveis permitam uma adaptação fácil a outras acomodações, a sua resposta nunca constitui a melhor solução nem a mais adequada.

A flexibilidade não deve ser usada com solução magna que define e rege todo o projecto. A sua utilização levada ao limite pode ser fonte de criação de lugares desprovidos de identidade, que

¹⁶ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura, São Paulo. Martins Fontes, 2006;p.149

¹⁷ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura, São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.146

¹⁸ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura, São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.146

¹⁹ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura, São Paulo. Martins Fontes, 2006; p.146

embora sejam hábeis em acolher várias soluções, nenhuma delas se ajusta correctamente a estas. O projecto deverá sim ter a capacidade de com algumas flexibilizações ser capaz de se tornar uma solução óptima que se presta a acomodar outros usos. No entanto, os programas mais similares serão os que exigem menos flexibilização dos espaços.

Polivalência

*“ A única abordagem construtiva para uma situação que está sujeita à mudança é uma forma que parta da própria mudança como um dado essencialmente estático: uma forma que seja polivalente. Noutras palavras, uma forma que se preste a diferentes usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, de maneira que uma flexibilidade mínima possa produzir uma solução óptima.”*²⁰

Nos dias de hoje não podemos presumir que os edifícios se irão manter da maneira e com a função que lhes foi conferida. A criação de espaços totalmente polivalentes é utópica, porém, podem ser criados espaços aptos a acomodar vários usos, independentemente da sua compartimentação, sem que vejam afectadas a sua forma e leitura perante a cidade.

Espaços capazes de se adaptar e acolher diferentes usos poderão constituir soluções arquitectónicas que serão pouco, ou nada, afectadas pelo passar do tempo ou pela alteração das necessidades, bastando pequenas flexibilizações ou mesmo a inexistências destas para se ajustarem aos novos objectivos mantendo a sua forma. Embora confinado aos seus limites físicos, o espaço polivalente permitirá que a sua adaptação seja feita de diferentes formas, sejam elas dentro do mesmo programa ou na eventual alteração do mesmo.

Desta forma aumenta-se a eficácia e a competência da forma e simultaneamente permite que os seus utilizadores tenham liberdade individual para lhe introduzir novos usos diferentes daquele que o arquitecto inicialmente lhe atribuiu, sem que esta perca a sua identidade.

A polivalência resulta não apenas da negação das regras sobre as quais as cidades contemporâneas foram erguidas. A polivalência também resulta da agregação da estrutura e da flexibilidade com o objectivo de libertar o uso e as funções que desejamos atribuir e vivenciar dentro da forma.

É óbvio que a solução perfeita capaz de responder as exigências de todos os programas é utópica, porém, é certamente possível chegar a formas que suscitem inúmeras interpretações individuais, pois quantas mais interpretações a forma sugerir, maior será a sua polivalência.

²⁰ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitectura, Martins Fontes, São Paulo, 2006; pág.147

2. Estado da Arte

2. Estado da Arte

2.1. História: surgimento das casas de idosos

Ao longo dos tempos o envelhecimento tem sido um fenómeno difícil de aceitar. As sociedades da Grega Antiga e do Imperio Romano olhavam para os anciães, deficientes e para os doentes como seres inconvenientes no seio da sociedade. Estes apenas se poderiam limitar a servir o governo sem esperar que nada lhes fosse dado em troca.²¹

Porém, no sentido de criar alguma igualdade entre os cidadãos, o Patriarcado Romano surge como o protector dos mais desfavorecidos. O serviço social público prestado era misto e muito abrangente. Velhos, loucos, deficientes, mendigos, peregrinos e outros, recebiam auxílio em edifícios designados para esse efeito. Estes acontecimentos poderão representar o nascimento dos asilos, hospícios, e dos albergues.²²

No entanto, as primeiras instituições destinadas para acolher idosos, datam de século V, da Era Cristã, no Império Bizantino. A construção destes edifícios foi decidida no Primeiro Concílio de Nicéia (ano 325). Foi então ordenada a construção de casas designadas de *xenodóquios* (casas albergavam essencialmente estrangeiros e viajante) e outras casas que prestavam serviços a outros necessitados.²³

No ano de 534 é criada a Lei Justiniana que separa as instituições consoante as funções que desempenhavam, dando-lhes diferentes nomes. Os *nasocómios* seriam para doentes, os *ptocotrófios* para crianças abandonadas, os *orfanotrópios* para órfão, os *paramonórios* para inválidos e os *gerontocómios* assistiriam os velhos.²⁴

O primeiro *gerontocómio* ocidental terá sido fundado pelo Papa Pelágio II (520-590), que transformou a sua casa num género de edifício que recebia idosos, doentes, e doentes mentais pertencentes a classes sociais muito desfavorecidas.

Em Portugal, a assistência social aos mais desfavorecidos, até ao século XV, foi dividida entre ordens militares, religiosas e outras organizações, por vezes particulares. Só a partir do século XVII é que os actos de acolher e tratar as populações menos favorecidas foram encarados como um dever de Estado. No século XVIII, fruto dos problemas sociais inerentes ao terramoto, surge em Portugal a Casa Pia (1780), instituição de referência na assistência social estatal do nosso país.²⁵

²¹ VAZ, Sérgio, A Depressão no Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança, FPCE/Universidade do Porto, Porto, 2009

²² VAZ, Sérgio, A Depressão no Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança, FPCE/Universidade do Porto, Porto, 2009

²³ VAZ, Sérgio, A Depressão no Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança, FPCE/Universidade do Porto, Porto, 2009

²⁴ VAZ, Sérgio, A Depressão no Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança, FPCE/Universidade do Porto, Porto, 2009

²⁵ VAZ, Sérgio, A Depressão no Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança, FPCE/Universidade do Porto, Porto, 2009

2.2. Enquadramento: Residências Assistidas

A concepção actual de um edifício com competências geriátricas está cada vez mais distante do conceito de asilo que representava e materializava um lugar de espera pela morte. Com o objectivo de abandonar essa infeliz associação, o tratamento que estes equipamentos recebem, na sua concepção por parte dos arquitectos, faz com que estes passem uma imagem rejuvenescida e sejam entendidos como uma mais-valia na vida daqueles que necessitam e usufruem dos seus serviços.

Porém a especificidade de um programa de arquitectura geriátrica constitui e organiza mais do que um edifício confortável onde habitam pessoas idosas. Como veremos adiante o conceito de habitar geriátrico envolve particularidades próprias e fundamentais para que os chamados lares da terceira idade proporcionem aos seus utentes algo mais de que conforto e qualidade de vida.

Habitar. Quantas formas, leituras e modos tem o conceito de habitar? Habitar permanente, habitar temporário, habitar no campo, habitar na cidade, habitar só, etc. Estas são apenas algumas das muitas formas, leituras e modos que tem o conceito e que se podem agrupar e conjugar dando origem a inúmeras formas, vivências e sensações.

O conceito de habitar não é geral, é específico. Habitar no espaço é diferente de habitar na cidade; habitar numa moradia é diferente de habitar num apartamento; habitar num hotel é diferente de habitar num lar de terceira idade; embora sejam todos programas de habitação temporária.

A qualidade das formas, das vivências e das sensações depende inteiramente da interpretação que o arquitecto faz do conceito de habitar. O que o lugar, a paisagem, o clima e fundamentalmente o ser humano necessita, tem que ser bem entendido sob pena da arquitectura falhar.

A arquitectura assume um papel determinante e humanizador dos espaços. Como forma de arte especial que é, a arquitectura concentra, em si, valores científicos, sociológicos, conceptuais, matemáticos, artísticos, entre outros, para que a leitura, as vivências e as sensações que os espaços proporcionam aos seus utilizadores sejam de boa qualidade, contínuas e permanentes.

A arquitectura geriátrica pode ser considerada um dos géneros de arquitectura mais específico. Pelas leis apertadas que a regula, mas também por ter, em si, um pouco de hotel, de hospital, de moradia, com a particularidade de acomodar em si pessoas idosas que podem provir de várias classes sociais, com várias necessidades e de vários meios dependendo do local os se insere a proposta.

2.3. Estudo de casos

No sentido de melhor perceber o funcionamento de um edifício de arquitectura geriátrica, foram analisadas algumas propostas de arquitectos consagrados. A pesquisa incidiu sobre propostas executadas entre 1972 e 2010, quer internacionais, quer nacionais.

Os seguintes exemplos de edifícios geriátricos demonstram bem que os caminhos a seguir quando projectamos um edifício de uso geriátrico têm que ser bem analisados para que o projecto cumpra os objectivos a que se propõe consoante as variáveis existentes. Estes exemplos demonstram que houve por parte de quase todos os projectistas, uma abordagem cuidadosa de todos os factores essenciais.

Foram tidos em consideração factores como a localização, orientação da proposta na envolvente, a forma como esta comunica com o lugar, o emprego de materiais e texturas que são familiares aos utilizadores, no sentido de recriar um ambiente com semelhanças àquele que tinham nos seus lares. Existem casos porém, em que a ausência de elementos familiares é total, não por esquecimento ou falta de estudo, mas porque a sua presença poderia evocar recordações desconfortáveis relacionadas com o lugar onde os utentes viveram até então.

Em todos os casos de estudo apresentados é notório que os arquitectos percorreram um caminho semelhante diferenciado apenas por o lugar onde se localizam as propostas e pelas opções de cariz cultural que tomaram.

2.3.1. De Drie Hoven – Casa para Idosos

A análise deste caso foi feita com base na tradução brasileira da obra Lições de Arquitectura da editora Martins Fontes, São Paulo, 2006. Esta edição é uma tradução da obra cujo título original é Lessons for Students in Architecture e o autor é Herman Hertzberger. A primeira edição foi publicada em inglês e data de 1991, Amsterdão.

- Autor: Herman Hertzberger

- Localização: Amsterdão, Holanda

- Data do projecto/construção: 1972-1974

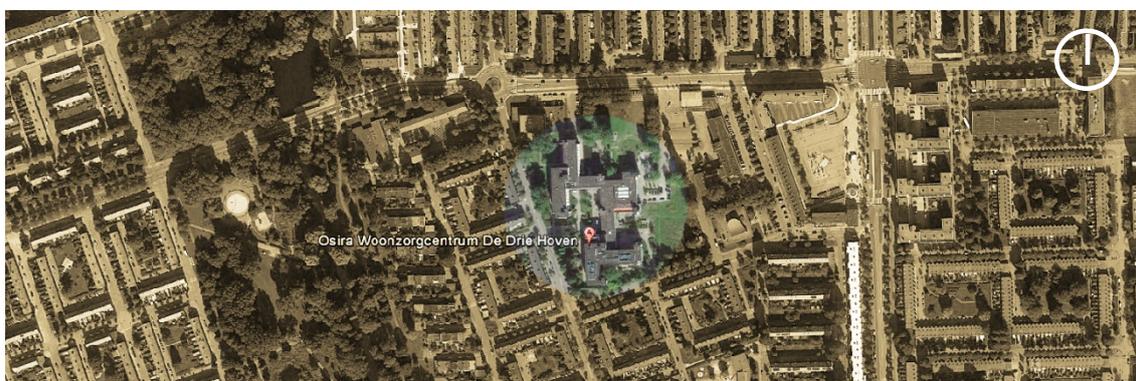


Figura 14 – Vista aérea do edifício.

[<http://www.google.com/earth/index.html>, acessido a 30 de Abril de 2014]

A abordagem e o estudo feito a este edifício não se prenderam com as suas características enquanto edifício geriátrico, pois a sua vocação não é estritamente orientada par a geriatria. Podemos afirmar que este enorme complexo funciona como um hospital com várias vertentes, sendo uma delas a lar de 3.^a idade.

No seu todo o edifício é formado por quartos, apartamentos e moradias separadas por sectores que funcionam de maneira independente uns dos outros, partilhando apenas os espaços verdes em redor e os pátios definidos pela sua volumetria.

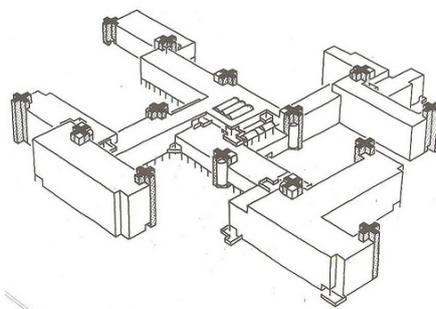


Figura 15 – Modelo tridimensional do edifício

[<https://www.flickr.com/photos/krokorrr/5474454882/>, acessido a 30 de Abril de 2014]

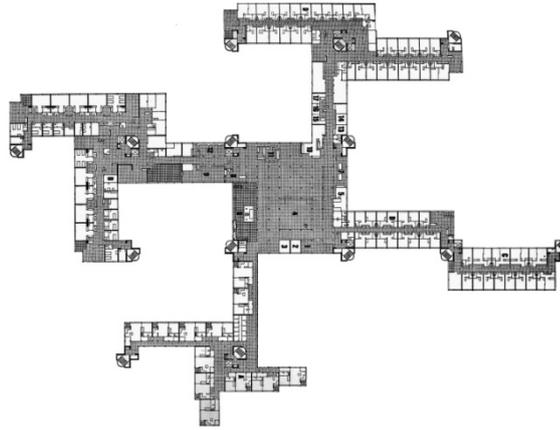


Figura 16 – Planta do edifício

[<http://ignaciogarranchoreflexiones.blogspot.pt/2014/05/la-residencia-de-ancianos-de-drie-hoven.html>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Materializando os próprios conceitos de *Forma*, *Função*, *Estrutura*, *Flexibilidade* e *Polivalência*, descritos na sua obra *Lições de Arquitectura*, no desenho de todo o complexo o arquitecto definiu como um dos objectivos centrais a mutabilidade do edifício caso houvesse a necessidade futura de alterar ou introduzir novas valências. Assim foi desenvolvida uma estrutura regular em betão pré-fabricado em que os elementos constituintes, pilar e viga, são do mesmo tamanho e repetem-se ao longo de todo o conjunto.

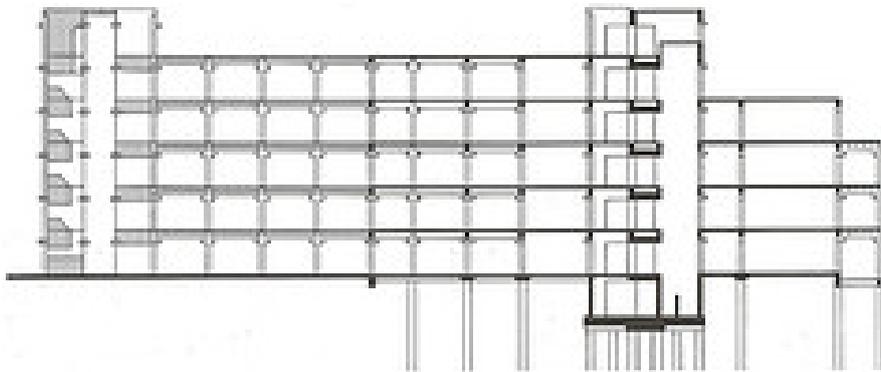


Figura 17 – Secção. Estrutura do edifício.

[<http://flickrhivemind.net/User/krokorrr/Interesting>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Para que o sistema resultasse foram estudados os posicionamentos e colocados criteriosamente os elementos comuns a todo o edifício, tais como escadas, elevadores, condutas de ventilação, promadas de esgotos e águas e quadros eléctricos e de telecomunicações. Uma vez posicionados estes elementos, foi “lançada” a estrutura por todo o conjunto.

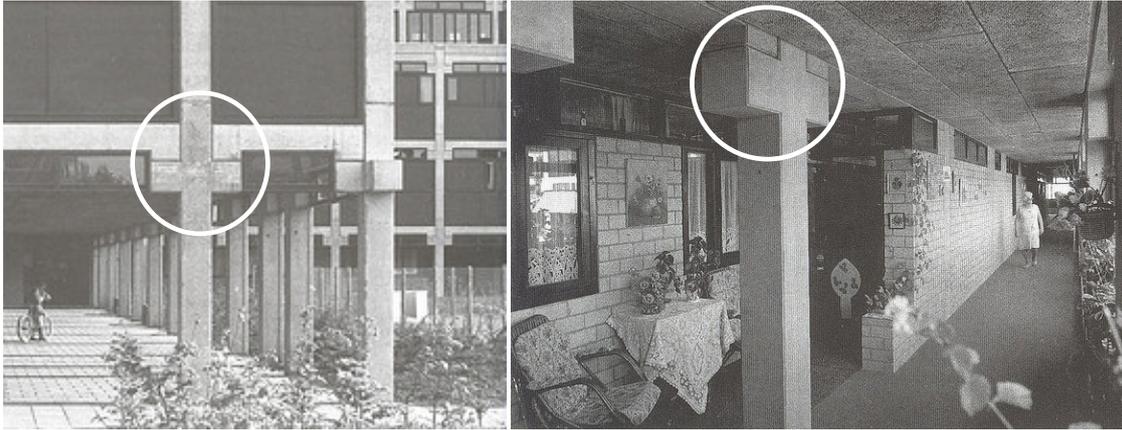


Figura 18 – Pormenor do encaixe viga/pilar, exterior e interior.

[https://c2.staticflickr.com/6/5059/5473855769_e8d9c821cc_m.jpg, acessado a 30 de Abril de 2014]

Esta composição permitiu a criação de vários espaços interiores que podem ser alterados sem que a estrutura seja original seja afectada. Esta flexibilidade permite que o edifício se ajuste consoante as alterações organizacionais do complexo e consequentemente vê a sua durabilidade funcional aumentada. Este sistema estrutural originou transformações no edifício que foram fruto da interpretação individual dos seus administradores, que o adequaram as suas necessidades, sem conhecimento prévio do arquitecto. Porém as alterações não desvirtuaram a ideia original, uma vez que a esta estrutura funciona como uma árvore que todos os anos perde folhas mas nunca deixa de ser árvore.



Figura 19 – Vista exterior do edifício

[<http://mosaia.com/feeds/cad871fea62f7dba06e93cfec30d19feab46532d?page=12>, acessado a 30 de Abril de 2014]



Figura 20 - Vista exterior do edifício

[<http://mosaia.com/feeds/cad871fea62f7dba06e93cfec30d19feab46532d?page=12>, acessado a 30 de Abril de 2014]



Figura 21 – Vista geral do edifício

[<http://www.nieuwestexpress.nl/1228/nl/de-drie-hoven>, acessado a 30 de Abril de 2014]

2.3.2. Residencial Home for Elderly – Casa Residencial para Idosos

- Autor: Peter Zumthor

- Localização: Chur, Suíça

- Data do projecto/construção: 1992-1994



Figura 22 - Vista aérea do edifício.

[<http://www.google.com/earth/index.html>, acessado a 30 de Abril de 2014]

Com uma volumetria simples, de planta rectangular, o edifício é composto por 3 pisos, um dos quais de uso técnico e em condição de cave, sendo os pisos 0 e 1 destinados aos serviços e à habitação.



Figura 23 – Esquiço

[<http://www.dezeen.com/2009/04/18/key-projects-by-peter-zumthor/>, acessado a 30 de Abril de 2014]

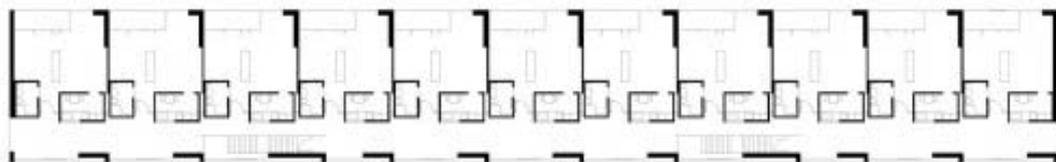


Figura 24 – planta tipo

[<http://www.archdaily.com/85656/multiplicity-and-memory-talking-about-architecture-with-peter-zumthor/>, acessado a 30 de Abril de 2014]

No conjunto dos 2 pisos habitacionais, estão dispostos 21 apartamentos idênticos em sistema direito/esquerdo cuja tipologia é T1. Peter Zumthor optou pela repetição do módulo habitacional ao longo de todo o edifício. O acesso aos apartamentos é feito por um corredor que devido às suas proporções e transparências para o exterior, funciona como zona de convívio e de encontro para os utentes.



Figura 25 – Interior da galeria

[<http://www.galinsky.com/buildings/elderly/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Cada módulo habitacional desenvolve-se num espaço definido pela estrutura, em betão, do edifício. Estes organizam-se em open-space e são constituídos por um pequeno hall, I.S. privativa, quarto, sala e cozinha. A cozinha tem a particularidade de ter um vão para a galeria de acesso aos quartos e, para além de receber luz natural, materializa o conceito rural pretendido pelo arquitecto.

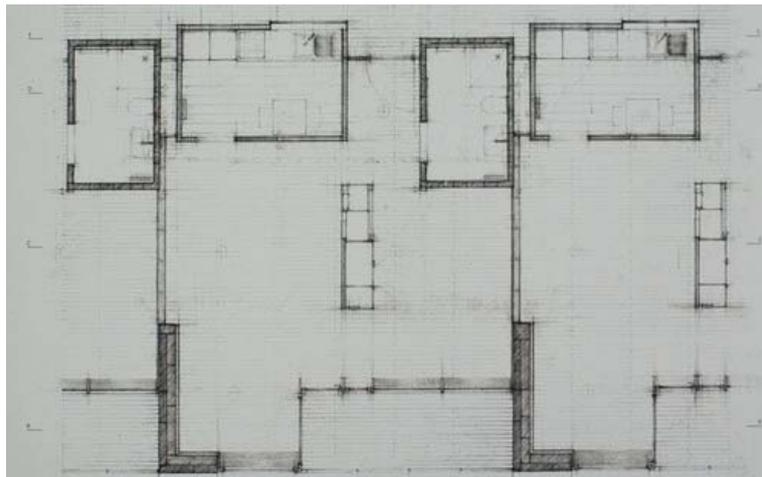


Figura 26 – Planta do módulo habitacional tipo

[<http://uekou77.tumblr.com/post/50027137314/peter-zumthor-seniorenwohnheim-masans>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Este edifício está implantado na zona suburbana de Chur, Suíça, e foi concebido para acolher pessoas vindas do meio rural circundante. Assim um dos objectivos fundamentais na sua

concepção passou por recriar um ambiente familiar similar àquele que os utentes tinham no meio de onde vinha e viviam.

Apesar de assumir uma volumetria de linguagem contemporânea, é através da transparência do volume que proporciona um contacto visual constante com o exterior, que se começa a desenhar a ponte entre o passado e o presente dos seus habitantes. O edifício foi implantado de modo a manter uma vista permanente sobre a montanha e sobre os campos de cultivo pois, estes são elementos vincadamente presentes na memória e na vida dos utentes. No sentido de intensificar o ambiente de casa/lar, os materiais usados nos pavimentos e paredes (madeira e tufo calcário) representam elementos presentes em abundância nas aldeias circundantes de onde são naturais os idosos. O uso de betão “à vista” na cobertura do edifício enquadra-o na paisagem como se este fosse uma rocha no sopé da montanha.



Figura 27 – Vista exterior do edifício

[<https://www.flickr.com/photos/51506760@N00/5115897256/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Houve claramente, por parte de Zumthor, um estudo para entender as pessoas que a proposta iria acolher, de que forma estas iriam vivenciar o edifício e o que é que estas necessitavam para se sentirem em casa. No fundo definir um planeamento capaz de criar um objecto de arquitectura geriátrica.



Figura 28 - Vista exterior do edifício

[<https://www.flickr.com/photos/51506760@N00/sets/72157625199567374/detail?page=2/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

A instalação dos utentes em apartamentos é um claro apelo à individualidade de cada um, assim como toda a materialidade usada no sentido de permitir a permanência da memória através de

por menores que se estendem até ao simples soar oco do pavimento quando caminhamos sobre este.



Figura 29 – Vista exterior do edifício

[<https://www.flickr.com/photos/jschiemann/6376020907/>, acessado a 30 de Abril de 2014]

2.3.3. Elderly People's Home – Casa para Idosos

- Autor: Toyo Ito

- Localização: Yatsushiro, Kumamoto, Japão

- Data do projecto/construção: 1992-1994



Figura 30 – Vista aérea

[<http://www.google.com/earth/index.html>, acessido a 30 de Abril de 2014]

Implantado numa península artificial, o edifício de planta rectangular assume o papel de colonizador do lugar e elemento coordenador da envolvente, uma vez que à data da sua construção era o único edifício aí presente. Localizado em ambiente marítimo, na costa do Mar de Shiranui, o objecto adoptou 2 relações completamente díspares, à imagem das suas fachadas com as paisagens que confrontam.

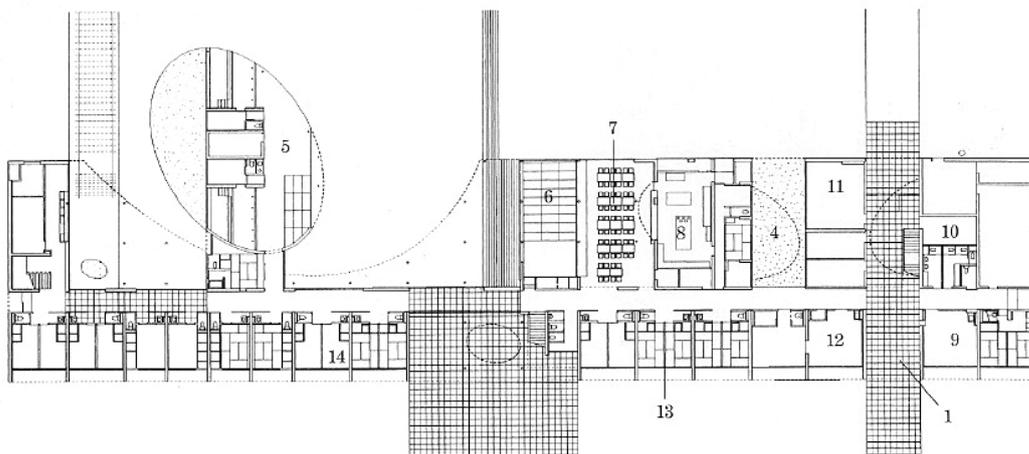


Figura 31 – Planta piso térreo

[MOSTAEDI, Arian. Residences for Elderly, Instituto Monsa de Ediciones, Barcelona, 1998, pág. 100]

Podemos afirmar que foi o programa que desenhou a forma e que estamos na presença de um edifício cuja arquitectura foi inteiramente direccionada para o tipo de utilizadores que iria receber. Portanto, estamos perante um bom exemplo de arquitectura geriátrica.



Figura 32 – Vista exterior do edifício

[http://www.toyo-ito.co.jp/WWW/Project_Descript/1990-/1990-p_11/1990-p_11_en.html, acedido a 30 de Abril de 2014]

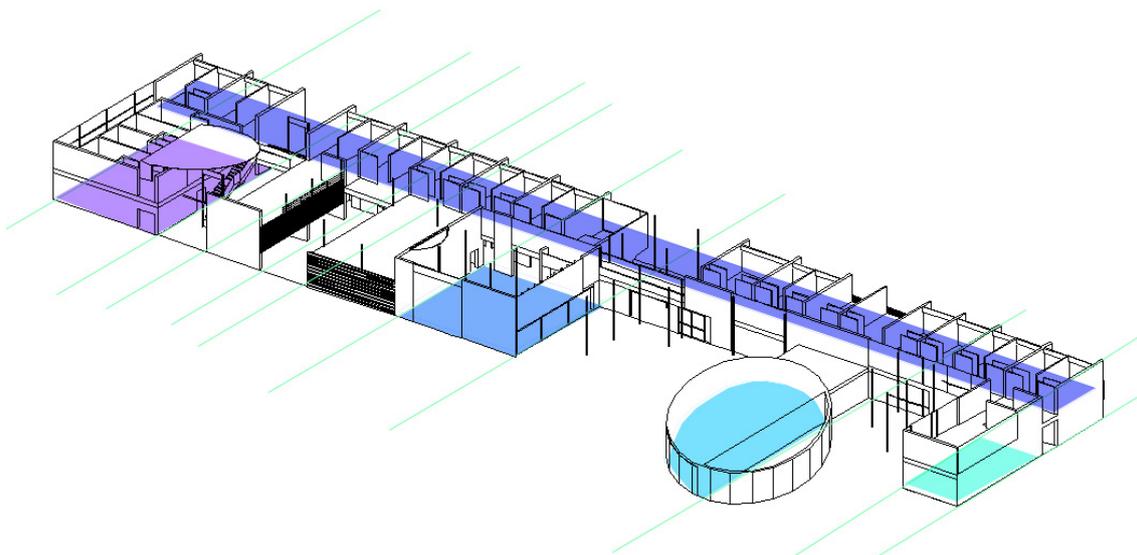


Figura 33 – Modelo tridimensional do edifício

[http://www.sawadalab.se.shibaura-it.ac.jp/kenken/kenken1997/exhibit1997/ito/oldhome/ki_2/oldhome_ki_2.html, acedido a 30 de Abril de 2014]

Quando percorremos o equipamento reparamos na intenção clara de Toyo Ito em separar privado, serviços, espaços de lazer e convívio, presente e passado. Ao consumir esta separação de funções, o arquitecto hierarquiza o espaço e oferece aos utentes uma variedade de ambientes e acontecimentos, no interior, como se estes caminhassem numa rua.



Figura 34 – Vista interior/exterior

[http://www.toyo-ito.co.jp/WWW/Project_Descript/1990-/1990-p_11/1990-p_11_j.html, acessado a 30 de Abril de 2014]

O posicionamento do edifício em relação à cidade e ao mar/montanha, foi igualmente definido no sentido de haver um apelo à memória. Vejamos: por um lado a vista da cidade que os idosos têm dos quartos leva-os a recordar os tempos e as vivências da vida na cidade. A esta invocação do passado junta-se a materialidade das habitações individuais bem como a sua organização tipicamente nipónica. Por outro lado, e em sentido oposto, o alçado contrário convida ao sentimento real e presente focado na nova etapa da vida. Este alçado, das zonas de estar e convívio, ignora completamente a cidade e confronta com o mar e a montanha, os jardins e os campos de cultivo apelando ao conforto e à celebração de uma nova vida.



Figura 35 – Vista exterior do edifício

[http://www.toyo-ito.co.jp/WWW/Project_Descript/1990-/1990-p_11/1990-p_11_en.html, acessado a 30 de Abril de 2014]

As diferenças entre alçados são também evidentes na sua composição. Quando caminhamos pela ponte que une a península à cidade e nos encaminha para o interior do edifício, observamos uma métrica pautada, plena de horizontalidade interrompida apenas pelos vazados das zonas de entrada. No alçado oposto impera um traçado orgânico e fluido coincidente com o mar e com a paisagem natural que entra livremente pelos envidraçados.



Figura 36 – Vista do edifício. Alçado Sul

[<http://uratti.web.fc2.com/architecture/toyoo/yatusirohome.html>, acessado a 30 de Abril de 2014]



Figura 37 - Vista do edifício. Alçado Norte

[<http://uratti.web.fc2.com/architecture/toyoo/yatusirohome.html>, acessado a 30 de Abril de 2014]

2.3.4. Residências Assistidas da Terceira Idade

-Autor: Frederico Valssassina

- Localização: Parede, Cascais, Portugal

- Data do projecto/construção: 2000-2005



Figura 38 – Vista aérea

[<http://www.google.com/earth/index.html>, acessido a 30 de Abril de 2014]

Tratando-se de um objecto financiado por uma entidade privada, é fácil concluir que o programa do edifício foi fortemente condicionado pelo seu promotor e orientado para que este fosse um produto de venda eficaz e extremamente rentável.

Com uma implantação única e deslumbrante, de frente com a foz do rio Tejo, o edifício desenvolve-se em seis pisos. Dois pisos em cave, para estacionamento, piso térreo onde funcionam os serviços, zonas comuns e de convívio, funcionando as habitações nos três pisos superiores.

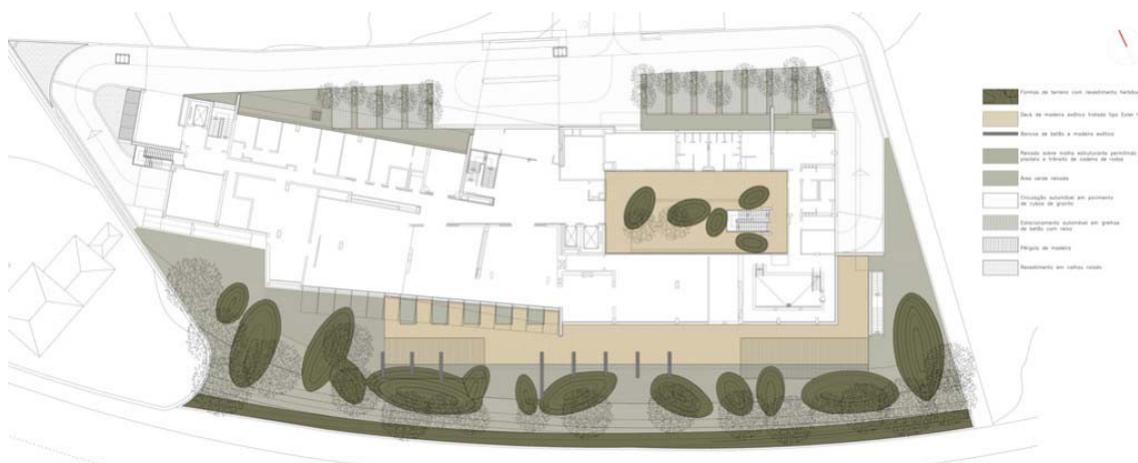


Figura 39 – Planta do piso térreo

[<http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/assisted-living-residences-of-parede/>, acessido a 30 de Abril de 2014]



Figura 40 – Alçado Sul

[<http://www.fvarq.com/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Volumetricamente o edifício resulta da união de três corpos: um corpo rectangular a poente, um em forma de quadrado vazado ao centro, a nascente, e outro central que serve de ligação a todo o conjunto e simultaneamente de interface e de rótula, pois ambos os corpos maiores se encontram ligeiramente flectidos entre si como que a acompanhar a curva desenhada pela a avenida marginal que passa por baixo.

Localizado estrategicamente numa zona nobre maioritariamente residencial, com o objectivo de captar possíveis clientes, a sua volumetria destaca-se naturalmente das demais construções circundantes devido à sua envergadura. Porém o edifício comunica com a envolvente através da materialidade empregada. Pedra, madeira, e vidro são materiais abundantes nas moradias adjacentes e a sua textura, nomeadamente a da pedra, que estreita a relação do edifício com o lugar e com a costa do rio quase mar.



Figura 41 – Vista exterior do edifício

[<http://www.fvarq.com/>, acedido a 30 de Abril de 2014]



Figura 42 – Vista exterior do edifício. Pormenor da materialidade
[<http://www.fvarq.com/>, acessido a 30 de Abril de 2014]

Uma condição a que a paisagem obrigava era que esta fosse transportada para o interior do equipamento. Assim, foi criada uma zona social e de convívio exterior que se prolonga pelo interior e estende até si as áreas sociais comuns do edifício.



Figura 43 – Vista interior do edifício. Piscina
[<http://www.fvarq.com/>, acessido a 30 de Abril de 2014]

Na parte habitacional foram criadas dois tipos de habitações: em quarto individual/casal e em apartamento T2. Os quartos receberam um tratamento e organização que podemos designar clássico. Instalação sanitária à entrada, um armário, zona de dormir e uma varanda. Os apartamentos, em menor número, posicionam-se nos extremos do edifício e organizam-se em cozinha *kitchenette*, sala, dois quartos, instalação sanitária e termina numa varanda. Em ambos os casos o arquitecto preferiu deixar muitos espaços por preencher para que os utentes pudessem personalizar as habitações e sentirem-se assim em casa.

Podemos afirmar que estamos na presença de um edifício cuja arquitectura foi totalmente orientada no sentido da função geriátrica que desempenha. Para além da comum presença de

quartos organizados em planta servidos por uma galeria, houve cuidado em escolher materialidades, articular espaços e a articulação destes entre si e com a exterior. Para tornar ainda mais específica a função, foram introduzidas unidades que completam a residência, tais como sala de fisioterapia, igreja e até uma morgue.



Figura 44 – Vista interior do edifício

[<http://www.fvarq.com/>, acessido a 30 de Abril de 2014]

2.3.5. Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal

-Autor: Aires Mateus

- Localização: Alcácer do Sal, Alentejo, Portugal

- Data do projecto/construção: 2006-2010



Figura 45 – Vista aérea

[<http://www.google.com/earth/index.html>, acessido a 30 de Abril de 2014]

O edifício encontra-se num ponto de união entre o campo e a cidade, a acompanhar a topografia do terreno, começando de forma rasante, no topo, e terminando a formar três pisos no sopé da colina.

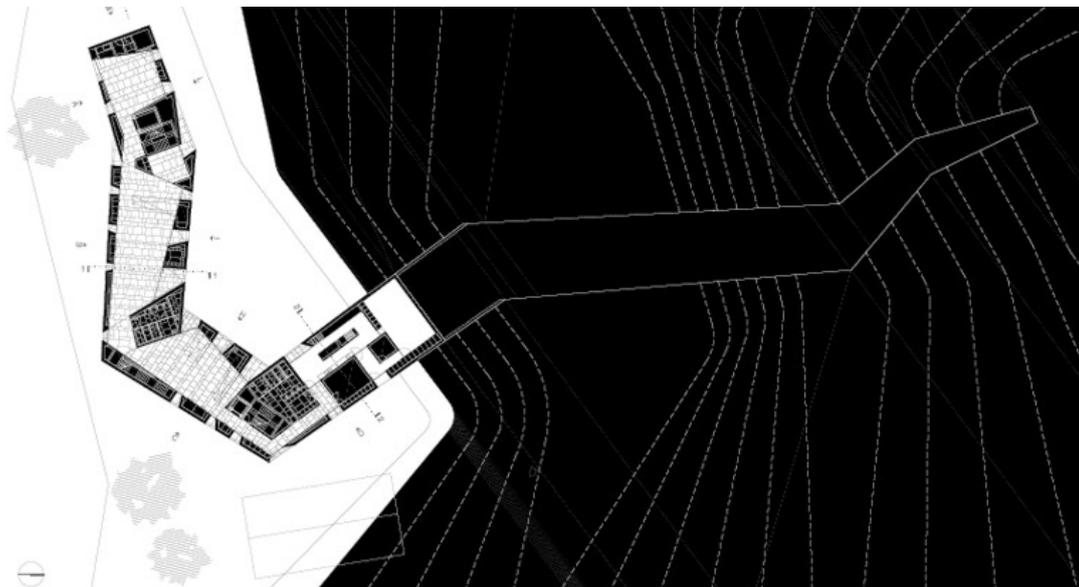


Figura 46 – Planta do piso térreo

[<http://www.noticiasarquitectura.info/especiales/house-elderly-people-mateus/2.htm>, acessido a 30 de Abril de 2014]

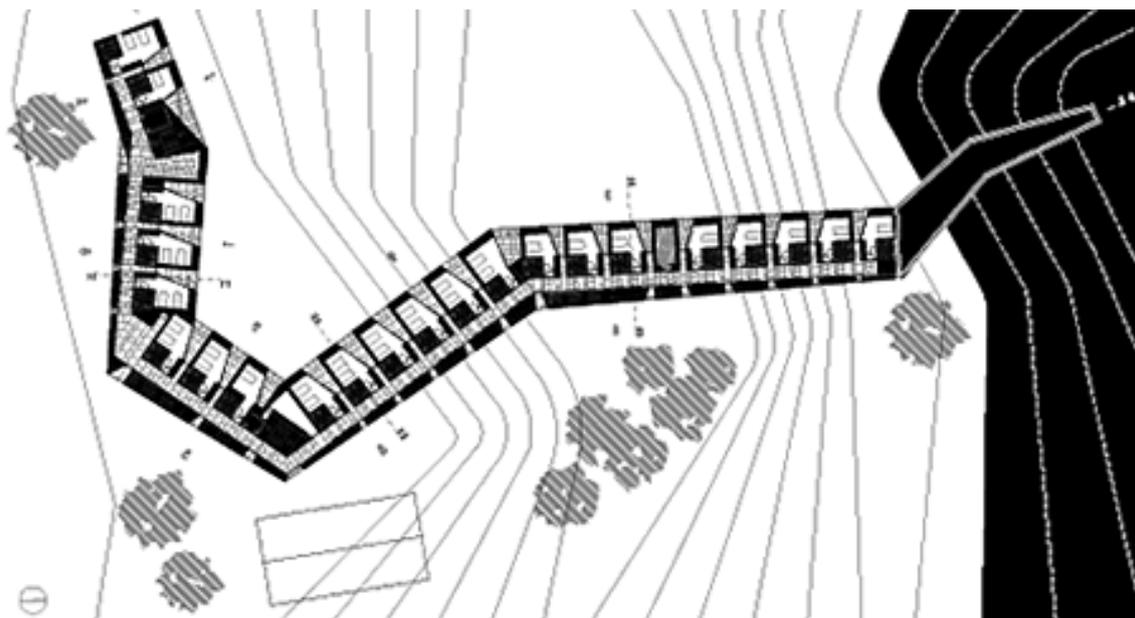


Figura 47 – Planta do piso 1

[<http://ultimasreportagens.com/alcacer/>, acessido a 30 de Abril de 2014]

As suas formas poligonais de cariz contemporâneo contrastam com a envolvente verde e com o casario típico que vê na cor branca, tão alentejana, um ponto de contacto comum entre 2 mundos tão distantes.

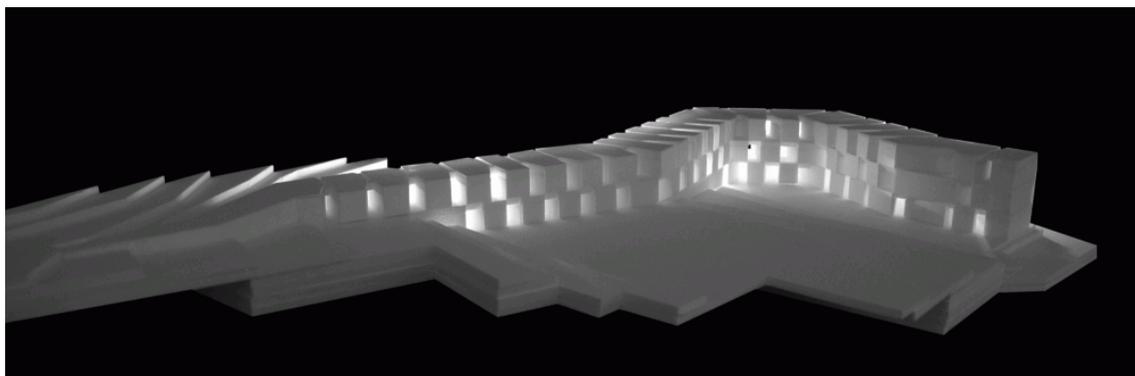


Figura 48 – Modelo tridimensional

[http://www.bimbon.com.br/arquitetura/lar_de_idosos_da_misericordia_de_alcacer_do_sal, acessido a 30 de Abril de 2014]

A separação entre o público e privado faz-se através dos pisos. No piso 0, público, estão localizadas salas de visita, salas de convívio, salas de jantar e a recepção, bem como todas as unidades que asseguram o funcionamento desta zona do equipamento. A zona privada distribui-se entre os pisos 1 e 2 e é formada essencialmente pelos quartos individuais/casal e quartos duplos. Com uma área de aproximadamente 25m², as células habitacionais possuem I.S. privativa, zona de dormir e uma varanda colocada obliquamente em relação ao quarto de modo a salvaguardar a privacidade dos ocupantes.

Corredor que une todas as unidades no interior foi pensado no sentido de ser como uma rua sinuosa que passa por vários pontos, interligando-os, tornando-se ele próprio um lugar de

convergência e de encontro da “sociedade” residente no seu interior, um pouco à imagem do que estes faziam no seu quotidiano normal de vida.



Figura 49 – Vista interior do edifício. Corredor

[<http://ultimasreportagens.com/alcacer/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Este edifício foi uma encomenda feita pela Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal, com o objectivo de servir uma comunidade idosa muito específica. Para além de ser oriundos de um meio rural, são ainda pessoas com grandes carências ao nível da saúde, económicas e com problemas familiares e de abandono social. É neste sentido que as funções deste edifício se encontram posicionadas entre o lar de 3.^a idade e o hospital.²⁶



Figura 50 – Vista exterior do edifício. Alçado poente

[<http://www.publico.pt/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

²⁶ FREITAS, Ana. *O lar de idosos dos Aires Mateus finalista do Mies. Público* [em linha]. 23 Abr. 2013. [Consult. 16 Mar. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.publico.pt/>

Ao analisarmos o edifício do ponto de vista da sua materialidade, notamos a ausência de elementos e texturas cujos utentes se possam identificar e que lhes seja familiares. Apreciamos pensar que este ponto do projecto foi esquecido ou simplesmente ignorado. Mas não. A ausência destes elementos foi propositada, pois qualquer alusão ao meio de onde provêm estes idosos poderia provocar reacções de desconforto e de infelicidade. Se estes idosos hoje habitam neste edifício é porque as suas habitações não reuniam quaisquer condições à vida humana.



Figura 51 – Vista interior do edifício. Sala de enfermagem
[<http://www.dezeen.com/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Neste caso a arquitectura geriátrica funciona num sentido inverso mas com o mesmo objectivo. Em vez de recriar um ambiente incluindo elementos familiares, criou antes um ambiente novo pleno de conforto com objectivo de este ser entendido realmente como um lar e a casa de cada um. As boas recordações passadas são trazidas para o Lar de Alcácer do Sal pelo verde e calma dos campos e pelas hortas colocadas em redor do edifício onde os idosos podem conviver num ambiente tão seu.



Figura 52 – Vista exterior do edifício. Cobertura
[<http://olhararquitectura-2.blogspot.pt/>, acedido a 30 de Abril de 2014]

1. Residência Assistida Condes do Prado em Beringel

1. Residência Assistida Condes do Prado em Beringel

Na parte II deste trabalho será apresentada a proposta para uma residência sénior, localizada em Beringel, Beja, bem como o programa sob o qual este desenvolveu e a legislação afecta e este tipo de equipamento social.

Será ainda demonstrada a forma como foram testados os conceitos de Herman Hertzberger, presentes na obra *Lições de Arquitectura*, e os conceitos de Victor Regnier publicados na obra *Design for Assisted Living*, estudados na parte I desta dissertação.

Para que o entendimento da proposta seja absoluto, serão apresentadas, a par representações gráficas do edifício, imagens tridimensionais em realidade virtual.

1.1. Enquadramento da Proposta

O projecto da Residência Assistida de Beringel desenvolve-se a partir de uma pré-existência localizada em Beringel, Beja. Pensa-se que o edifício em causa terá sido originalmente construído para casa de férias de, D. Rui de Sousa, 1.º Senhor de Sagres e Beringel (1423-1498) e sua família.²⁷

Embora tenha mudado de proprietários, o edifício manteve, até Abril de 1974, a função de habitação tendo a envolvente sido ocupada com algumas construções de apoio agrícola, uma vez que esta era a actividade principal dos proprietários do imóvel.²⁸

Depois da revolução o edifício foi alvo de uma adaptação a qual podemos designar de radical. A nova função ali colocada foi a de creche. Para que o edifício recebesse a nova função procedeu-se a várias alterações descuidadas que alteraram a imagem original do edifício, nomeadamente a alteração da forma dos vãos, ocultação de outros, remoção de cantarias, construção de paredes no interior bem como a construção de uma instalação sanitária adaptada a crianças.²⁹

O edifício funcionou como creche até ao final da década de 1990 sendo esta depois deslocalizada para um outro edifício que e foi igualmente adaptado para a receber. Desde então nenhuma outra função foi atribuída ao antigo Solar.

1.2. Programa

O programa deste edifício teve como base as exigências legais que regulam este tipo de equipamentos. Para facilitar a entendimento e leitura do programa do edifício, este será dividido

²⁷ VIANA, Abel, Beringel (Notas Monográficas), Beringel, Junta de Freguesia de Beringel 1989

²⁸ Acontecimentos relatados por habitantes de Beringel vivos à data.

²⁹ Acontecimentos relatados por habitantes de Beringel vivos à data.

em três secções: A secção número um será referente à zona social/estar e administrativa; a secção número dois à zona de dormir; a secção número três à zona de refeições.

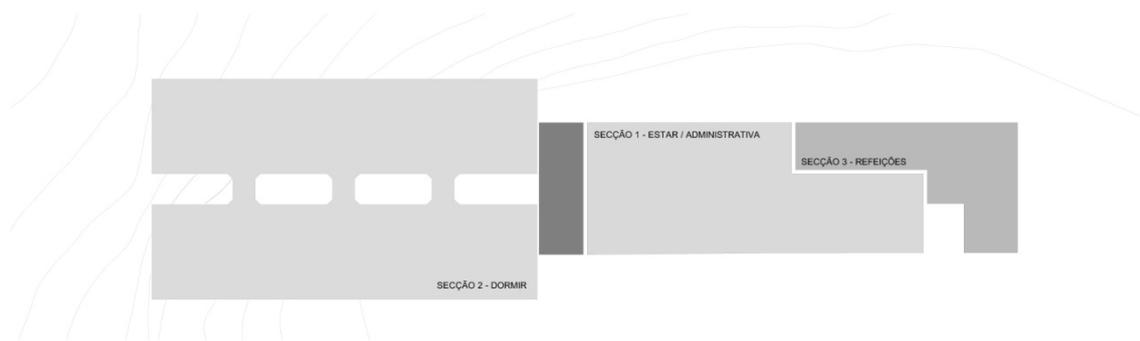


Figura 53 – Esquema de secções do edifício
[Pedro Ruivo, 2014]

- Entrada

- Zona de espera e estar: 46.60m²

- Recepção: 8.07m²

- Secção n.º1- Zona de estar/convívio

- Sala de tv/convívio: 33.41m²

- Sala de Jogos: 18.22m²

- Biblioteca: 15.88m²

- Secção n.º1- Zona administrativa

- Sala de assistentes sociais: 15.81m²

- Sala de Arquivo: 6.18 m²

- Sala de administrativos: 13.21m²

- Sala da direcção: 15.30m²

- Sala de reunião: 20.16m²

- Secção n.º2: Zona de dormir

- Piso -1 – Jardim de Inverno

- Zona de Jardim: 749.24m²

- Outras unidades da secção n.º1

- Recepção: 18.14m²

- I.S. Sala de assistentes sociais: 2.60m²

- I.S. Sala de administrativos: 2.60m²

- I.S. Sala da direcção: 2.07m²

- Núcleo de I.S. (partilhada com a secção n.º3)

- I.S. Feminino: 15.56m²

- I.S. Masculino: 15.81m²

- I.S. Mobilidade reduzida: 9.64m²

- Circulação: 82.40m²

- Núcleo de I.S. recepção

- I.S. Masculino: 4.85m²

- I.S. Feminino/Mobilidade reduzida: 4.85m²

- Outras unidades da secção n.º2 – Piso 0

- Tratamento de roupas: 29.98m²

- Gabinete de enfermagem/médico: 23.80m²

-
- I.S. Masculino: 5.61m²
 - I.S. Feminino/Mobilidade reduzida: 6.93m²
 - Arrumo: 5.61m²
 - Biblioteca: 15.88m²
 - **Piso 0 - Apartamentos**
 - **Apartamento tipo 1:** 4 unidades
 - Sala/Cozinha: 16.57 m²
 - Quarto: 12.01m²
 - I.S.: 6.20m²
 - Hall: 3.92m²
 - **Apartamento tipo 2:** 2 unidades
 - Sala/Cozinha: 21.77 m²
 - Quarto: 13.85m²
 - I.S.: 7.96m²
 - Hall: 3.92m²
 - **Apartamento tipo 3:** 2 unidades
 - Sala/Cozinha: 28.13 m²
 - Quarto: 14.87m²
 - I.S.: 6.05m²
 - I.S. de serviço: 2.40m²
 - Hall: 4.51m²

 - **Secção n.º3: Zona de refeição**
 - **Cozinha**
 - Preparação/confeção de alimentos: 78.86 m²

 - Sala de arrumos de limpeza: 4.47m²
 - Circulação: 168.50m²
 - **Piso 1 – Quartos**
 - **Quartos individuais/casal**
 - Zona de dormir/estar: 19.44 m²
 - I.S.: 6.49m²
 - Varanda: 7.10m²
 - **Quartos duplos**
 - Zona de dormir/estar: 20.27m²
 - I.S.: 6.49m²
 - Varanda: 7.00m²
 - **Outras unidades da secção n.º2 – Piso 1**
 - Sala do pessoal: 16.27m²
 - Sala de banho geriátrico: 25.61m²
 - Sala de estar com copa: 29.98m²
 - Tratamento de roupas: 29.98m²

-
- Despensa do dia:6.79m²
 - Despensa fria:5.21m²
 - Lixo/vasilhame: 7.41m²
 - Arrumo de material de limpeza:4.00m²
 - Sala do pessoal**
 - Sala de cacifos:5.07m²
 - I.S.:7.60m²
 - Sala de estar: 22.25m²

1.3. Legislação Aplicável

O projecto da Residência Assistida Condes do Prado foi desenvolvido de acordo com o enquadramento legal previsto nos seguintes Decretos-Lei e Portarias em vigor em Portugal:

- **Decreto-Lei n.º 163, de 8 de Agosto de 2006:** Lei que regula a acessibilidade de pessoas com mobilidade condicionada, em edifícios.
- **Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de Novembro:** Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndio em Edifícios
- **Portaria n.º 67, 21 de Março de 2012:** Regulamento para equipamentos geriátricos.

2. Aplicação de Conceitos

2. Aplicação de conceitos

Para além da informação obtida nos exemplos dos casos de estudo apresentados, a Residência Assistida dos Condes do Prado foi ainda projectada tendo em conta os conceitos descritos na obra *Design for Assisted Living* de Victor Regnier e os conceitos de Herman Hertzberger presentes na publicação *Lições de Arquitectura*.

2.1. Aplicação das recomendações propostas em *Design For Assisted Living*

As nove recomendações enumeradas nesta obra não se relacionam, na sua totalidade, com a arquitectura de edifícios, propriamente dita. Alguns dizem respeito a normas de funcionamento que estes devem adoptar. Assim serão apenas apresentadas e aplicadas os pontos que enfatizam a arquitectura.

Carácter

Segundo Victor Regnier, o edifício não deve assumir um *carácter* de hospital, devendo ter uma aparência de lar, de habitação. Foi neste sentido em que a escolha recaiu sobre o antigo solar. O edifício foi inicialmente construído para ser habitação e ainda conserva em si essa imagem.



Figura 54 – Antigo Solar dos Condes do Prado
[Pedro Ruivo, 2014]

Na intervenção levada a cabo no seu interior houve o cuidado e a preocupação de manter nas zonas sociais a organização interior original, sempre que possível, com o objectivo claro de conservar o ambiente de casa. O sentimento de “casa”. Este é reforçado na escolha da materialidade usada no edifício e na possibilidade que será dada aos utentes de serem os próprios a decorar as suas habitações.

Outro factor a ter em consideração é a organização e a articulação entre espaços. Esta deve ser feita de modo a desenvolver um ambiente familiar e para que sejam criadas relações sociais entre os utentes. Neste sentido, o edifício da Residência Assistida Condes do Prado foi dotado de amplos corredores de circulação que funcionam simultaneamente como lugar de estar e encontro, para além da zona social formada por uma sala de jogos, sala de TV/convívio e biblioteca.



Figura 55 – Render: Galeria de acesso aos quartos/apartamentos

Escala

Por ter sido uma habitação nobre, o solar, por si só, assume uma presença diferente em relação às demais habitações que coexistem na mesma rua. Porém, o arruamento que lhe dá serventia tem uma boa amplitude, o que possibilita o edifício “respirar” sem tapar a rua.

O facto de a Residência estar localizada num limite da vila que confronta com os campos ajuda a controlar a *escala*. Aliada a esta condição está a topografia do terreno onde está implantada a zona dos quartos que ajuda a ocultar um pouco a dimensão deste volume. Projectar um edifício desta natureza implica sempre respeitar a relação área mínima-utente, logo este tem que assumir uma envergadura maior que uma habitação unifamiliar normal. Para todos os efeitos, trata-se de um equipamento social.



Figura 56 - Render: Residência Assistida dos Condes do Prado. Rua Ângelo Ançã, arruamento de acesso ao edifício.

Privacidade

Edifícios com estas funções têm que estar preparados para receber utentes em condições quer físicas, quer psicológicas diferentes, com personalidades distintas e de todas as realidades socio-económicas, e só o conseguem fazer se tiverem em si acomodadas diversas formas de alojamento que possibilitem escolha.

Assim, como forma de promover a privacidade dos utentes, o edifício tem no piso 0 formado por um conjunto de apartamentos. Estes apartamentos, T1, têm cozinha própria, sala de estar e jantar e instalação sanitária, acessível a pessoas com mobilidade reduzida. Para que o utente sinta que aquela é a sua casa e o seu espaço privado, os apartamentos têm fechadura com chave.

No sentido de permitir escolha, o piso acima é composto por quartos individuais/casal e quartos duplos, todos equipados com instalação sanitária e acessível a pessoas com mobilidade reduzida.

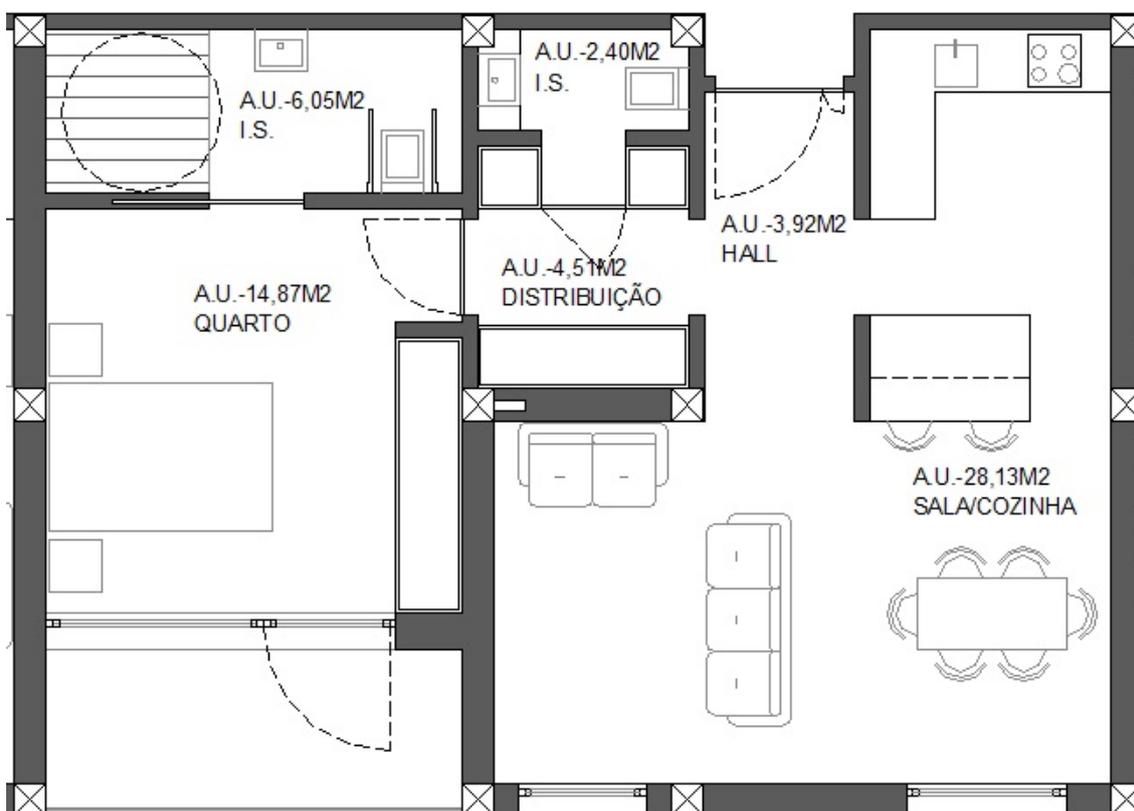


Figura 57 – Planta de apartamento tipo3.Piso 0.

Envolvimento

Ao percorrermos o edifício encontramos vários pontos de convergência social e encontro. Quando o utente sai da sua habitação encontra na ampla circulação uma espécie de rua interior, pois recebe luz natural zenital que cai sobre um espaço verde central e no lado oposto à sua porta vê alinhadas as portas dos vizinhos.



Figura 58 - Vista da cobertura sobre as galerias de acesso aos quartos/apartamentos

O jardim localizado no piso inferior (piso -1), o átrio de entrada, a sala convívio e o terraço que se desenvolve a nascente, são outras unidades do edifício pensadas para privilegiar a interação dos utentes e das suas famílias e criar dinâmica social no seio da Residência.



Figura 59 -Sala de TV/convívio.



Figura 60 –Vista do terraço

Serviços

Embora o edifício não deva apresentar uma aparência de hospital, deve no entanto ter condições para tratar e acompanhar a saúde dos utentes, pois estes fazem parte da faixa etária mais vulnerável ao aparecimento de enfermidades. A Residência Assistida de Beringel alberga em si um consultório médico/enfermagem para que sejam prestados os serviços de saúde adequados aos seus utentes, para além de estar próxima do Polo do Centro de Saúde de Beja localizado na Casa do Povo de Beringel.

Paralelamente aos serviços de saúde, a Residência tem, ainda, gabinete de assistentes sociais que desempenham um papel importantíssimo no acolhimento dos utentes, quando estes chegam à residência e no seu encaminhamento e aconselhamento durante a sua estadia.

Para que fique assegurado o bom funcionamento do edifício este dispõe, ainda, de uma unidade de tratamento de roupas bem como uma cozinha com capacidade para confeccionar 80 refeições em simultâneo para que seja possível dar assistência ao Centro de Dia e à Unidade de Apoio Domiciliário.



Figura 61 -Vista do refeitório

Para que este equipamento social funcione desempenhe a sua função nas melhores condições, os critérios de escolha para a sua implantação passaram por assegurar que este teria um ambiente em redor livre de ruídos e afastado de potenciais fontes de produção poluição que pudessem pôr em causa a saúde dos seus residentes.



Figura 62 -Vista da cobertura do solar sobre a paisagem. Monte do Marquês
[Pedro Ruivo, 2014]

É igualmente aconselhado que a sua implantação se situe nas proximidades de outros equipamentos públicos para que o acesso a estes seja fácil, contribuindo assim para a manutenção de uma vida social activa por parte dos seus residentes.



Figura 63 - Vista aérea – Equipamentos sociais próximos da Residência Assistida Condés do Prado
[<http://www.google.com/earth/index.html>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Estes são alguns dos factores que o arquitecto deverá ter em conta ao projectar um edifício deste género, para que a arquitectura seja uma ferramenta eficaz a desempenhar a sua primordial função, a de servir o ser humano.

2.2. Aplicação dos conceitos propostos fundamentais na arquitectura, segundo Herman Hertzberger

Este ponto pretende abordar os conceitos de *Forma, Função, Estrutura, Flexibilidade e Polivalência*, segundo Herman Hertzberger, bem como testar a sua aplicabilidade no desenvolvimento do projecto da Residência Assistida de Beringel, nomeadamente o de *Estrutura, Flexibilidade e Polivalência*.

Forma e Função

Foi referida um capítulo anterior a relação entre forma e função e a influência que exercem uma sobre a outra. No caso da Residência Assistida de Beringel existe uma pré-existência que mantém a sua forma e serve de ponto de partida a uma intervenção que se materializa em duas ampliações com funções distintas: dormir e comer.

Na ampliação cuja função é a de dormir, a forma encontrada para melhor desempenhar essa função foi aquela que também melhor serviu o conceito sobre o qual o edifício foi desenhado: promover um enquadramento de rua no seu interior, de simular um ambiente de vizinhança, de liberdade,

com o objectivo de afastar do seu seio sentimentos de clausura e separação das vivências passadas.



Figura 64 - Vista da galeria de acesso aos quartos/apartamentos: “rua interior”

A forma resultante sofreu também influências do ponto de vista legal, pois a imposição que obriga a separação de quartos duplos e quartos individuais/casal em alas distintas, originou a formação de dois volumes justapostos que se unem centralmente por passadiços e são entendidos como um só dentro da pele que os envolve.



Figura 65 - Render: Volume(s) da zona privada/dormir

A ampliação onde estão localizados o refeitório e a cozinha viu a sua forma ser moldada pela forma da pré-existência. Pois, se por um lado, houve necessidade de criar uma ruptura entre o antigo e o contemporâneo, por outros, houve necessidade de os ligar fisicamente uma vez que juntos formam parte da zona social da Residência. Esta influencia é também notada na composição de fachadas através da continuidade do ritmo e dimensionamento dos vãos marcados pelos das janelas do antigo Solar dos Condes do Prado.



Figura 66 - Render: Zona de Refeições/Cozinha

Assim, podemos afirmar que a *forma* influencia a *função* na medida em que o bom funcionamento do edifício está dependente da forma como este foi desenhado e organizado. Por outro lado a *forma* também é ajustada pela *função*, mas também pela legislação que rege este tipo de equipamentos, pela envolvente, quer do ponto de vista arquitectónico quer topográfico, e acima de tudo pelo conceito central coordenador da intervenção e que pretende ser transversal a outras formas de acomodação que o edifício possa vir a acomodar no futuro.

Estrutura

A imposição de uma *estrutura* não deve ser entendida como um obstáculo à imaginação. Deve ser sim encarada como um método que permite várias interpretações individuais e que quantas mais interpretações suscitar maior durabilidade terá o objecto construído, pois possibilitará a sua utilização para a outros usos, com maior ou menor *flexibilização* do espaço.

A *estrutura* que suporta a zona privada (quartos/apartamentos) foi desenhada, de modo que no futuro, caso haja uma mudança de necessidades, seja fácil apropriar outras funções dentro do mesmo enquadramento programático, além outras que se posicionem completamente fora deste âmbito.

É evidente que o desenho desta *estrutura* teve como principal objectivo servir o uso para o qual o edifício foi projectado. Porém houve uma preocupação em antecipar e testar a acomodação de outras funções (como veremos um pouco mais adiante).

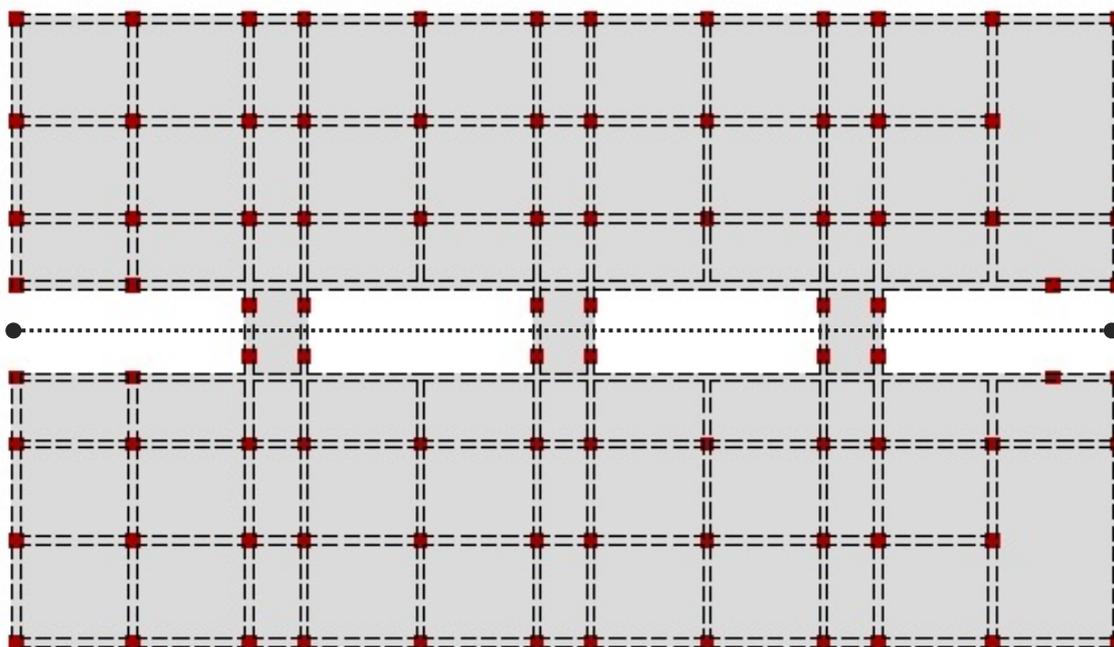


Figura 67 – Esquema da estrutura do volume correspondente à zona privada

Flexibilidade

A *flexibilidade* num edifício não deve ser sinónimo de ausência de compromisso para com o seu uso. Deve, sim, ser uma aptidão que o edifício tem de acomodar outros usos. *Flexibilidade* não significa projectar para que todas as funções sejam encaixáveis. O edifício terá de responder com eficácia ao propósito para o qual é primeiramente desenhado, só depois é que se poderão prever outros usos.

Na base da *flexibilidade* está a *estrutura*. Será esta que permite ao edifício ser muito flexível, pouco flexível ou nada flexível. O objectivo nunca será de todo deixar um edifício preso a uma só função pois, por muito bem que esta seja desempenhada, o edifício corre o risco de não acompanhar as mudanças trazidas pelo tempo e tornar-se obsoleto ou ver em si acomodadas funções às quais não consegue dar uma resposta adequada.

De acordo com o referido, a ampliação projectada a poente acomoda em si a zona destinada a desempenhar a função dormir. Constituída por 3 pisos, jardim de inverno (piso-1), apartamentos (piso 0) e quartos individuais/casal e quartos duplos (piso 1), esta ala organiza-se sob a coordenação de uma estrutura que rege todo o espaço. Para além dos apartamentos e dos quartos estão aqui localizadas outras estruturas essenciais ao bom funcionamento do edifício enquanto este cumprir as funções de equipamento geriátrico.

No entanto a estrutura foi desenvolvida com o objectivo de conferir flexibilidade ao edifício, preparando-o para albergar outras funções dentro mesmo programa e de outros, mediante uma menor ou maior flexibilidade.

Por exemplo, se a nova função acomodada for a de hotel (ou pousada) o edifício será alvo de uma reformulação mínima, mantendo intacta quase na totalidade a sua organização interior. Haverá apenas a necessidade de atribuir novos usos a unidades específicas da função geriátrica, como são as salas de banho geriátrico, das salas de estar com copa, gabinete médico e salas do pessoal. Se a adaptação for para uma residência de estudantes, a flexibilidade será média.

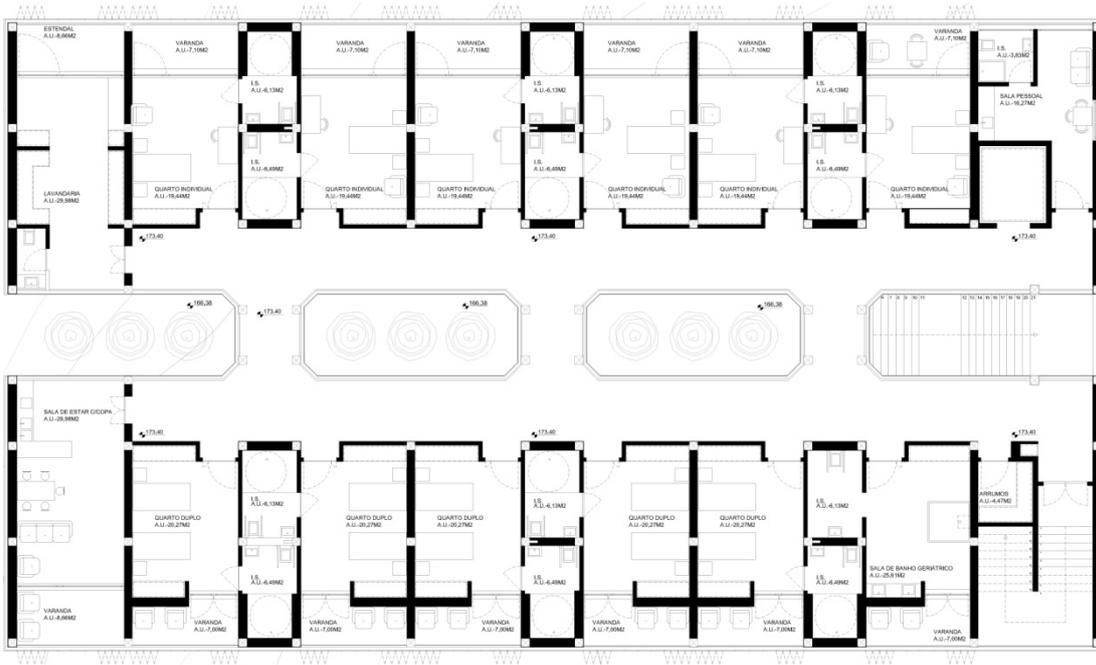


Figura 68 – Planta do piso 1: Residência Assistida

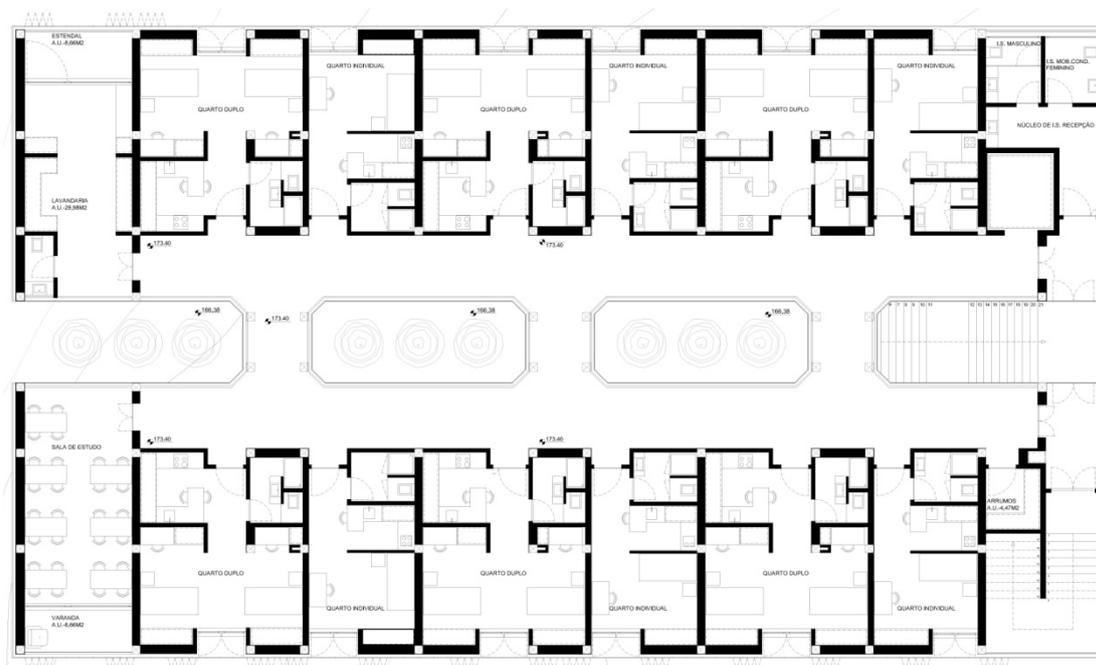


Figura 69 – Planta piso 1: Flexibilização para Residência de estudantes

Esta estrutura não é apenas preparada para gerar apropriações em que os programas sejam habitar, ainda de que uma forma temporária. Com uma flexibilização maior, porém não drástica, podemos trocar os quartos por espaços para lojas e transformar o edifício num espaço comercial.

Dentro do mesmo tipo de flexibilização o edifício pode ainda organizar-se com edifício de escritórios ou mesmo de incubadora de empresas.

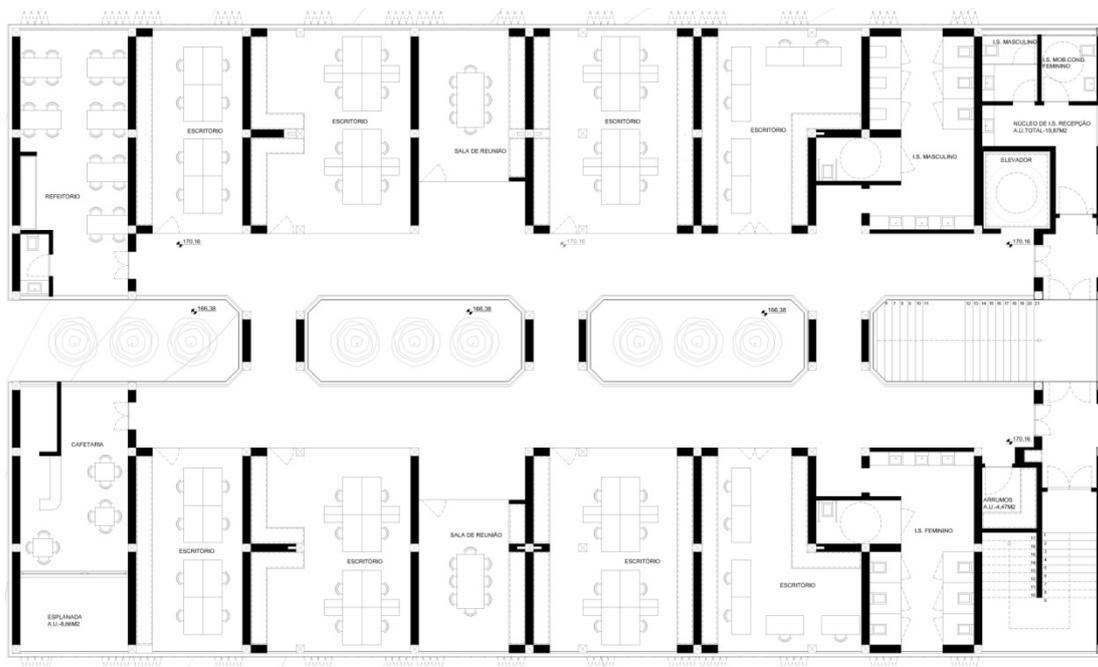


Figura 70 – Planta piso 1: Flexibilização para escritórios

Polivalência

Podemos afirmar que a solução polivalente e transversal a todos os usos e todas as funções é utópica. Porém tal facto não pode ser encarado como um elemento inibidor da procura de soluções polivalentes, ainda que estas se enquadrem dentro do mesmo programa ou fora deste.

De acordo com os exercícios de flexibilização do espaço apresentados anteriormente podemos afirmar que o volume se presta a apropriar vários usos mantendo a sua forma e a sua leitura perante a envolvente. Embora algumas das funções exijam maior flexibilidade que outras, o edifício é polivalente.



Figura 71 – Planta do piso 0: Apartamentos

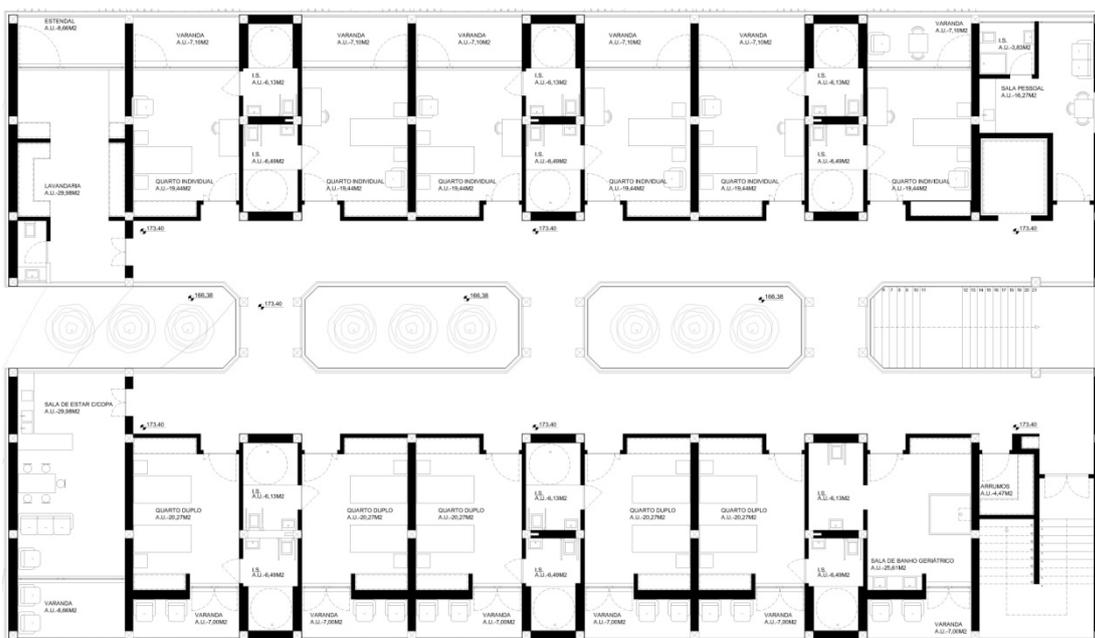


Figura 72– Planta do piso 1: Quartos individuais/ casal e quartos duplos.

Se, em primeira instância, a existência de uma estrutura física podia levantar algumas questões no que diz respeito à liberdade de imaginar e projectar, por outro, esta revelou-se uma aliada preciosa que ajudou a dotar o edifício de flexibilidade e polivalência.

3. Descrição do Projecto

3. Descrição da proposta

Neste ponto terá lugar a descrição da proposta da Residência Assistida Condes do Prado, bem como a justificação de todas as decisões que estiveram na base da concepção do projecto. Para além dos conceitos de Victor Regnier e Herman Hertzberger, outros factores (não menos importantes) foram tidos em consideração na execução deste projecto de arquitectura.

Características do lugar e do edifício pré-existente

O interesse por este edifício surgiu de uma forma natural e, pode dizer-se, sentimental, uma vez que os primeiros anos da minha vida foram passados nesta casa, pois fui uma das muitas crianças que frequentou a creche que aqui funcionou.

Esta apropriação que durou algumas décadas contribuiu para que o edifício ficasse na memória colectiva de muitas gerações, daí o apego das gentes de Beringel pelo solar.

Houve desde sempre uma vontade popular em ter um lar para idosos na vila e coincidentemente, a voz do povo sempre apontou o “velho infantário” como o local ideal para erguer o equipamento (talvez pela sua dimensão).

Esta vontade colectiva levou-me a estudar o edifício com o objectivo de saber o seu potencial para receber uma função completamente que se posiciona extremo àquela que havia sido a última.

Como já foi anteriormente dito, o lugar de implantação do edifício caracteriza-se pela sua natureza híbrida, ou seja entre a vila e o campo. Esta localização confere-lhe um ambiente calmo em redor: paisagem natural e, simultaneamente, um rápido acesso à vila e ao seu quotidiano.

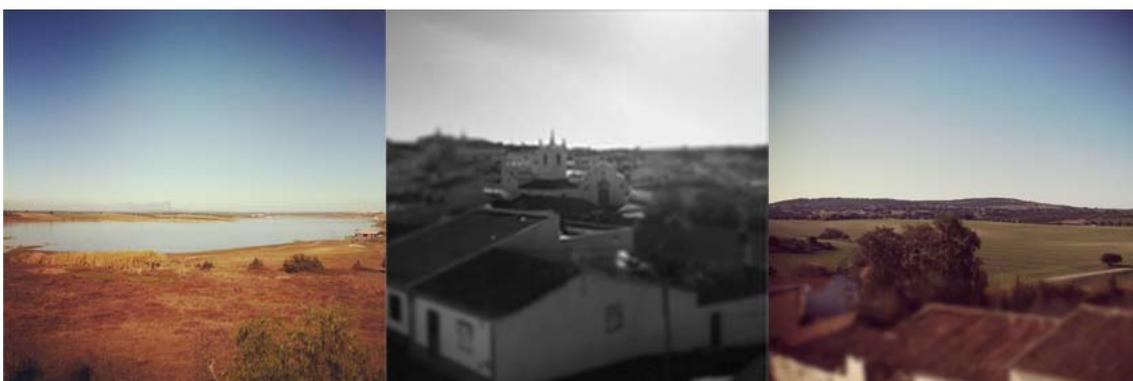


Figura 73 – Paisagens em redor do solar: Barragem do Pisão, vila de Beringel e Monte do Marquês
[Pedro Ruivo, 2014]

Rede viária e acessos

Um edifício deste género necessita de ser servido a uma rede viária com algumas particularidades, nomeadamente as ruas que lhe dão serventia tem de ter uma amplitude mínima (5m)³⁰ que facilite a entrada e manobra de viaturas de socorro, bem como de veículos de mercadorias que são parte integrante do funcionamento da Residência Assistida Condes do Prado.

Para além de ser servida por amplos arruamentos, sobretudo a Rua Dr. Ângelo Ançã, (10m de largura em média) o edifício está ainda localizado nas proximidades de duas saídas, uma a norte, direcção do Aeroporto Internacional de Beja e outra a Poente, para o concelho de Ferreira do Alentejo. O edifício está ainda relativamente próximo da estrada nacional designada por IP8, que faz as ligações com Espanha, Costa Alentejana, Algarve e Lisboa.

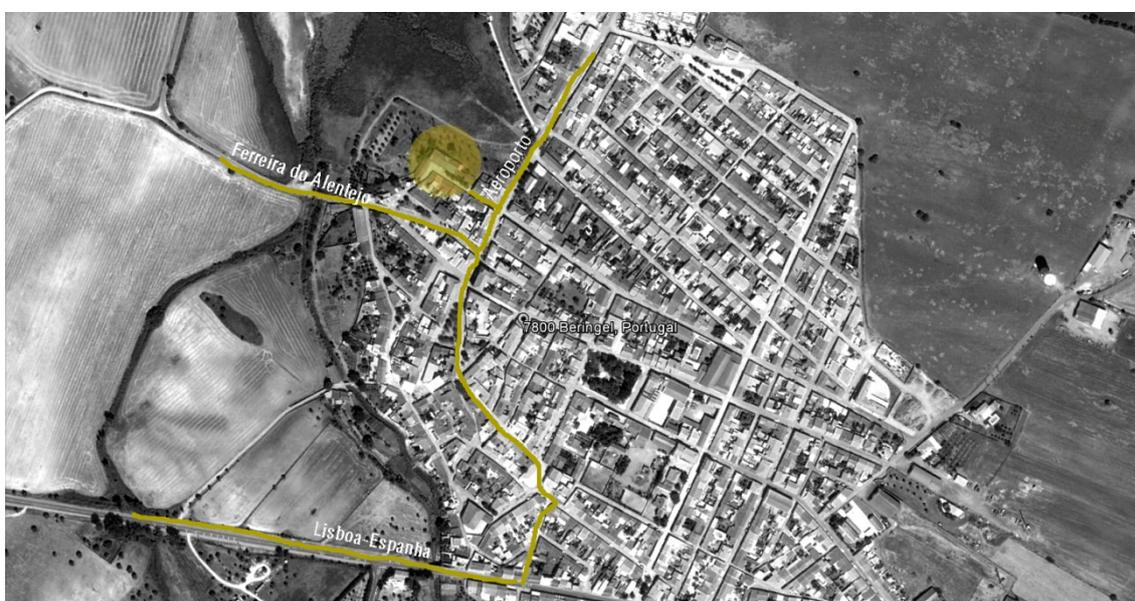


Figura 74 – Principais vias de acesso à Residência Assistida dos Condes do Prado
[<http://www.google.com/earth/index.html>, acedido a 30 de Abril de 2014]

Antigo Solar dos Condes do Prado

A data de construção do edifício é desconhecida, porém pensa-se que terá ocorrido no final século XV, uma vez que foi no ano de 1479 que D. Rui de Sousa (1423-1498), ascendente dos Condes do Prado e dos Marqueses de Minas e 1.º Senhor de Sagres e Beringel, foi nomeado primeiro donatário destas terras pela mão do Rei D. Afonso V (1432-1481).³¹

O antigo solar terá sido inicialmente construído para habitação ocasional de D. Rui de Sousa e sua família. Organizado em torno do cruzamento de dois eixos, cujas orientações são aproximadamente norte-sul e nascente-poente, o edifício ainda conserva, em si, inúmeros elementos que comprovam esta teoria, nomeadamente o fresco que ainda resiste (embora em mau estado) no tecto do salão nobre.

³⁰ SOARES, Filipe. *Protecção Contra Incêndio: Lares de Idosos*. Porto, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2010

³¹ ANÇÃ, Ângelo. "A Freguesia de Beringel: Apontamentos históricos e estatísticos", in *Album Alentejano*. Beringel: s/d

A sua dimensão, estrutura e o próprio local de implantação (perto da antiga praça da Câmara Municipal e da igreja Matriz) confirmam que este foi em tempos uma casa nobre e importante. Se quisermos ir mais longe na pesquisa vemos que até a antiga toponímia da rua que dá acesso à habitação indicia estes factos: era a rua do Paço.

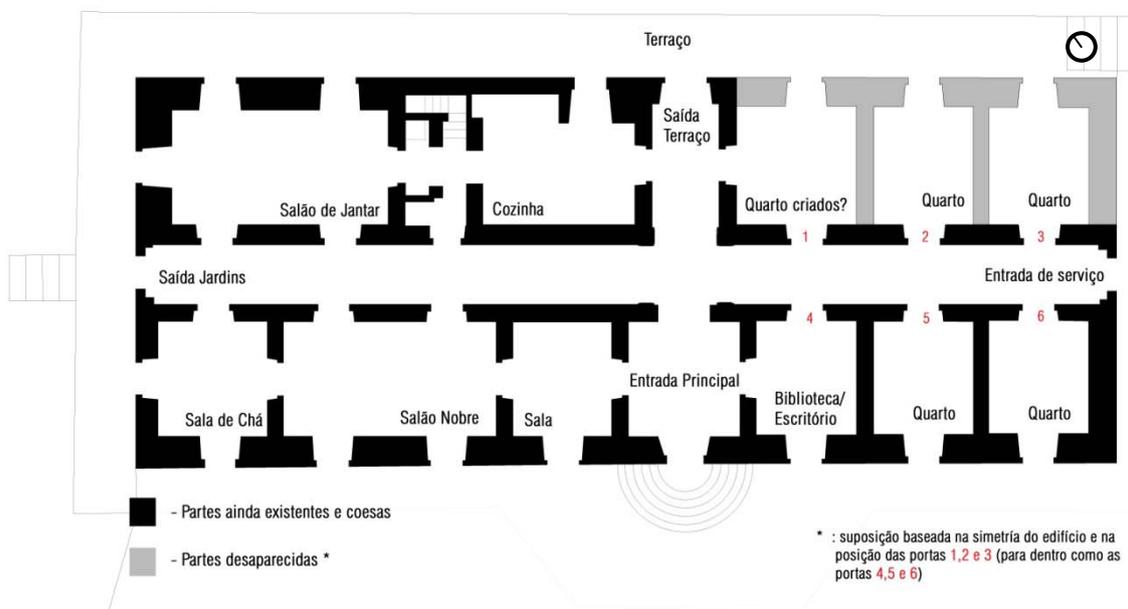


Figura 75 – Planta (original) do Solar

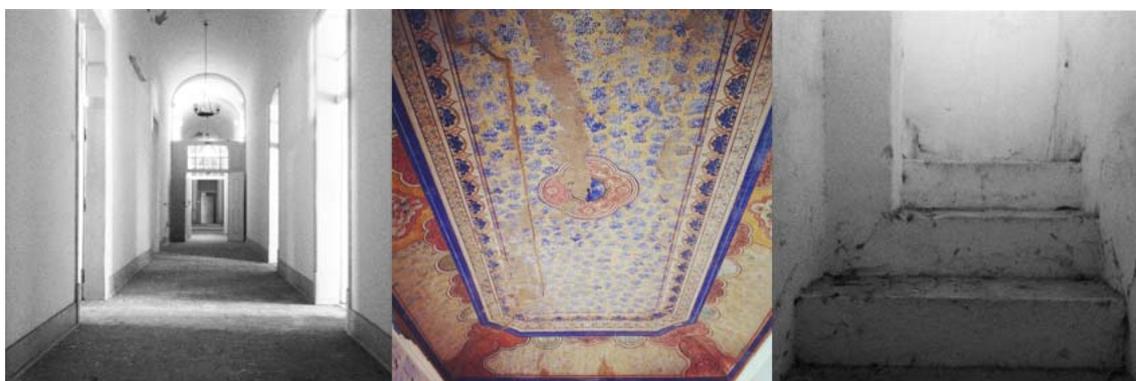


Figura 76 – Elementos interiores: Corredor, fresco do tecto do salão nobre e escadas de acesso ao mirante (demolido) [Pedro Ruivo, 2014]

Enquadramento solar e sustentabilidade ecológica

A exposição solar é outros dos factores favoráveis para a instalação de um equipamento desta natureza neste local. O facto de estar no cimo de um planalto e a orientação geográfica das suas fachadas permitem que o edifício receba luz solar desde o quadrante norte-nascente até ao quadrante poente-norte.

Este posicionamento permite uma boa iluminação natural do edifício e ainda o aproveitamento total do ciclo solar para produção de energia eléctrica e de aquecimento de águas, o que em termos energéticos e sustentáveis, é uma mais-valia.

Contudo, esta longa exposição solar diária poderia ter repercussões negativas no abrasivo verão alentejano. Porém, a proximidade do plano de água da barragem do Pisão (200m) e os ventos que sopram diariamente de noroeste (direcção do plano de água em relação ao edifício) e a vegetação abundantemente presente ajudam à refrigeração do ar que envolve o conjunto edificado.

Projecto de arquitectura da Residência Assistida dos Condes do Prado em Beringel

Conservação e demolições

O projecto inicia-se focado-se na análise e recuperação do edifício do antigo solar. Para tal, foi efectuado um estudo do edifício no qual foram detectadas algumas transformações interiores e exteriores que o edifício sofreu (provavelmente quando foi usado como creche).

Devido à rigidez da legislação que administra este tipo de programas, houve necessidade de levar a cabo algumas alterações no seu interior para que fosse possível a adaptação. Como podemos verificar na planta de alterações (figura 77), as modificações efectuadas foram mínimas.



Figura 77 – Planta de alterações: Amarelos e encarnados

Para devolver o aspecto original ao edifício todas as janelas recuperaram a sua forma inicial, (janelas de sacada) bem como as cantarias que se perderam no tempo. Algumas das janelas foram também recolocadas para que fosse devolvida a simetria de vãos às fachadas, que fora perdida aquando do uso como creche.

Os restantes edifícios anexos que completam o conjunto estão em avançado estado de ruína, para além de, em alguns casos, estarem a ocultar vãos ao edifício principal. Devido ao seu estado de ruína estar tão avançado e visto que estes elementos não terem qualquer interesse arquitectónico, a melhor solução adotada foi proceder à sua demolição e conseqüente substituição.

A demolição das ruínas teve ainda conseqüências benéficas para os arruamentos, uma vez que permitiram o alargamento da travessa do Serrado conferindo-lhe uma amplitude mais adequada e condizente com o tipo de edifício que serve.

Orientação solar do conjunto

Depois de feita a análise do programa, fez-se um pré-dimensionamento de todo o conjunto baseado na relação área/utente. Desta análise entendeu-se que o edifício teria de ser organizado em três zonas distintas: zona social/convívio, zona privada/dormir e zona de refeições/cozinha.

O enquadramento solar do conjunto foi baseado na orientação do antigo solar, uma vez que esta dava garantias de um bom aproveitamento da energia solar e era a que oferecia melhores condições em termos de observação das paisagens circundantes.



Figura 78 – Render: Vista geral do edifício

Organização do edifício

O edifício organiza-se em três zonas consoante a função específica (privada, social e refeições) de cada uma, mais uma zona que serve de interface a todo o conjunto (átrio principal de entrada/recepção). Assim, a zona social foi atribuída ao edifício do antigo solar, devido ao seu cariz de habitação e a sua centralidade.

A zona de dormir funcionará na ampliação a poente, pois esta localiza-se mais dentro do campo do que da vila, o que lhe confere um ambiente mais calmo e silencioso.

A nascente da zona social (solar) e em comunicação directa com esta, posiciona-se a zona de refeições. O ruído e a azáfama são condições inerentes ao seu funcionamento: daí a sua colocação no extremo oposto à zona privada do edifício.

A cozinha que funcionará neste sector produzirá as refeições para os utentes do edifício mas também para os utentes que frequentam o centro de dia, localizado na Casa do Povo, e para os que recebem assistência da unidade de apoio domiciliário da Junta de Freguesia de Beringel.

Por estes motivos esta zona teria que ter um acesso fácil e directo, não só devido às movimentações logísticas mas também devido aos veículos de mercadorias e aos veículos de recolha de resíduos, daí a sua localização mais interior, já bem dentro da vila.



Figura 79 – Planta piso 0. Identificação das diferentes zonas do edifício.

Zona Social/Convívio

Assim, foram aqui incluídas uma sala de jogos, outra de TV e convívio e uma biblioteca. No sentido de promover uma relação próxima entre o corpo técnico que gere a residência e os utentes, as unidades de assistência social e da direcção foram também aqui colocadas.

Esta zona tem ainda um núcleo de instalações sanitárias (I.S. feminina, I.S. masculina e I.S. para pessoas com mobilidade reduzida), que partilha com a zona de refeições/cozinha devido à proximidade e à ligação interior entre ambas.

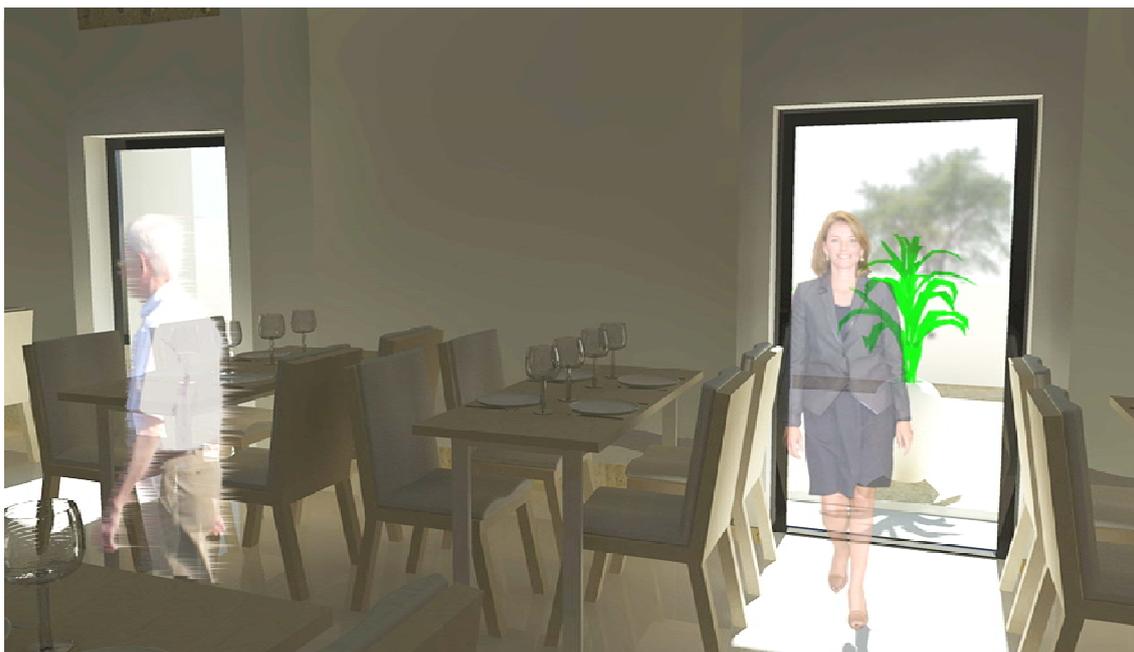


Figura 82 – Refeitório

Aqui são preparados os alimentos e posteriormente servidos no refeitório. A cozinha tem, ainda, como unidades complementares uma zona de copa, um lava-mãos, sala de depósito de vasilhame e resíduos: tem ainda um arrumo de material de limpeza e desinfeção, e um acesso de serviço.

Esta parte do edifício fica completa com uma zona reservada aos funcionários. Esta é formada por um balneário com cacifos e por uma sala de estar e refeições. A referida unidade tem entrada independente e comunica directamente com a zona de confecção da cozinha.

Zona privada/dormir

A zona privada do edifício desenvolve-se em três pisos (piso-1, piso 0, e piso 1). No piso -1 encontramos um jardim abrigado. A sua inclusão foi pensada no sentido de oferecer mais um espaço de encontro e convívio nos dias em que as condições atmosféricas não permitam aos utentes disfrutar da rua.

Este lugar pode ser igualmente usado como zona de convívio e de actividades exteriores mas também como zona de visita, uma vez que tem ligação directa, não só, a partir dos pisos dos quartos mas, também, da recepção.

utentes a caminhem até si fazendo assim um pouco de exercício físico importante na manutenção das suas capacidades motoras. Neste piso existe ainda uma unidade de tratamento de roupas (figura 84, seta amarela).

O piso 1 é formado por 11 quartos, dos quais cinco são duplos e os restantes seis são individuais/casal. Todos os quartos têm I.S. privativa (acessível a pessoas com mobilidade condicionada) e varanda.



Figura 85 – Planta do piso 1. Quartos individuais/casal e quartos duplos

Esta zona satisfaz, ainda, certas exigências legais e de bom funcionamento deste tipo de equipamentos. Estão aqui, também, localizadas as zonas de tratamento de roupas, bem como unidades de higiene assistida (sala de banho geriátrico), salas de estar com copa e salas de estar de funcionários.

A Residência Assistida Condes do Prado terá uma capacidade de ocupação máxima de 43 utentes, partindo do princípio que os quartos individuais e os apartamentos são ocupados por casais e os quartos duplos são transformados em triplos, uma vez que a sua área obedece as dimensões mínimas estipuladas por lei.

Interface: Entrada e recepção

A entrada principal do edifício foi pensada para ser mais que um simples local de chegada. Aqui, os utentes encontram mais um lugar de convergência e convívio que também pode ser usado como zona de visitas.

Estrategicamente localizado, este é o ponto de controlo de entradas e saídas e que articula a comunicação entre as várias zonas da residência.

Como a primeira impressão tem que ser forte e convincente, a entrada recebeu um tratamento a fazer lembrar um hotel, para que fosse transmitida uma imagem de conforto, confiança e segurança aos utentes que aqui residem e as suas famílias.



Figura 86 –Piso 0. Interior da entrada/recepção



Figura 87 – Vista exterior da entrada/recepção

Zonas de convívio exterior

A demolição das ruínas que estavam encostadas ao solar mostrou-se vantajosa em vários sentidos. Em primeiro lugar, porque libertou o edifício proporcionando, simultaneamente, o alargamento da travessa do Serrado. Foi quebrada uma barreira visual que desligava a rua Dr. Ângelo Ançã e a paisagem rural que se desenvolve à sua frente. E, finalmente, potenciou a criação de um jardim/parque de merendas onde os utentes e os restantes cidadãos podem conviver e disfrutar de uma paisagem que se estende pelos campos de cultivo, pela barragem do Pisão, até ao Monte do Marquês.



Figura 88 – Jardim/parque de merendas.

Volumetria e materialidade

A concepção volumétrica de todo o edifício foi pensada no sentido de manter a identidade do edifício antigo mas, também, de criar um ponto de ruptura entre o passado e o contemporâneo. Contudo, era importante que as construções novas guardassem algo que as comprometa com a história do lugar e da vila.

A composição volumétrica do edifício não obedeceu apenas a factores conceptuais. Para além das imposições legais inerentes a qualquer construção, houve também questões relacionadas com o lugar em si, com o que lá existia há tanto tempo.

Assim, as três zonas receberam tratamentos diferentes de acordo com a função que iam cumprir, com posicionamento no conjunto e em relação à vila.

Volumetria e materialidade: Zona de social/convívio

As intenções que determinaram a intervenção no solar (já foram anteriormente, apresentadas) apontam para a sua permanência sólida e coesa.

Como já foi referido, reequilibrou-se a simetria das fachadas e introduziram-se unidades indispensáveis ao funcionamento deste equipamento.

Relativamente à materialidade o edifício mantém (como não podia deixar de ser) a cor e textura branca da cal. Os socos e das janelas são igualmente em mármore (de Trigaches) à imagem do que ornamenta o portal da antiga entrada da habitação.

No interior é dada continuidade ao branco nas paredes. As portas e guarnições são lacadas num cinzento de tom claro. O material escolhido para os pavimentos foi o micro-cimento (cinza), pois é uma material com grande resistência, fácil de lavar e pode ser aplicado por cima do pavimento existente. Aqui e ali surgem apontamentos em mosaico hidráulico.

Volumetria e materialidade: Zona de refeições/cozinha

Este sector foi implantado num espaço livre deixado pela demolição de um anexo (construído posteriormente ao solar). Assim, este volume de linguagem contemporânea encaixa-se no volume do solar e une-se a este pelo interior. A ligação entre os dois corpos não esgota neste aspecto, uma vez que o ritmo marcado e trazido das janelas da zona social tem seguimento nas janelas do refeitório.

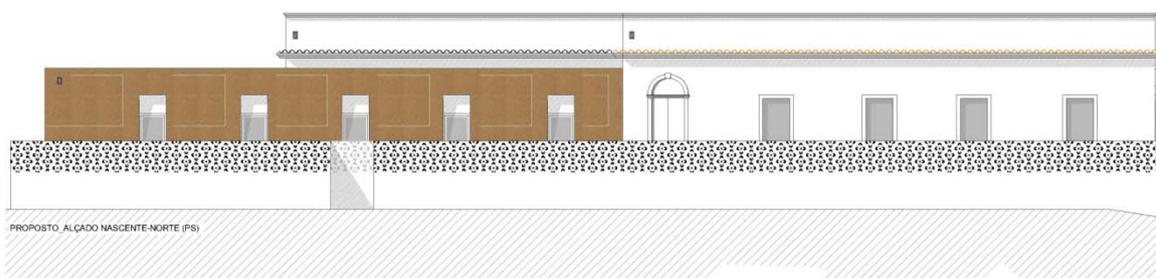


Figura 89 – Alçado nascente/norte. Materialidade e continuidade do ritmo dos vãos.

A ruptura entre os dois volumes é óbvia, tanto na linguagem arquitectónica como nos materiais empregues nos revestimentos que são em estuque para exterior, na área social, e em cortiça, no refeitório.

A escolha da cortiça como revestimento das fachadas surgiu por três razões. A primeira é uma alusão ao montado e à paisagem alentejana. O segundo motivo envolve as qualidades de isolamento acústico da cortiça mas, sobretudo seus bons atributos de isolamento térmico, tão importante numa região de extremos como é o Alentejo. Finalmente, a terceira razão prende-se com um dos símbolos culturais da vila de Beringel, o barro.

A utilização deste material no revestimento vai buscar a cor do barro presente nos campos em redor de Beringel e pelo qual a vila foi fundada. As suas qualidades agrícolas foram determinantes

para que várias civilizações se sediassem por estas paragens, mas também despontou uma actividade que em tempos foi de uma enorme importância económica para a povoação, a olaria.

Volumetria e materialidade: Zona privada/dormir

Este volume localiza-se no prolongamento da zona social (a poente): como se a continuasse, entrando no campo e quase chegado à barragem.

Volumetricamente, este objecto resulta da junção de dois corpos que se unem ao centro por passadiços. No seu interior estão colocados, entre outras unidades funcionais, os apartamentos (piso 0) e os quartos (piso 1) aos quais acedemos através de uma galeria dupla sobre a qual incide directamente a luz solar sob a forma zenital.

A luz entra no edifício pelas grandes aberturas existentes na cobertura e desce até ao jardim situado no piso -1. É igualmente por essas aberturas (totalmente fechadas com vidro) que sobem as copas das árvores plantadas no jardim e que trespassam os pisos superiores criando um jardim suspenso entre os passadiços.



Figura 90 – Piso 1. Galeria de acesso aos quartos. Aberturas da cobertura e jardim suspenso.

A presença do elemento verde nas zonas de circulação, que também são de convívio, completa o objectivo pretendido em recriar uma “rua interior” de onde se vê o céu e as portas dos quartos frente-a-frente são um e o outro lado da rua, transportando, assim, o ambiente de vizinhança existente nas ruas da vila.

Ambos os volumes estão também unidos pela “pele” que os envolve. A colocação deste elemento serve para homogeneizar as fachadas, proteger os vãos e proporcionar uma utilização mais frequente das varandas, como se fossem um prolongamento dos quartos.

Esta pele que funciona também como uma fachada falsa e ventilada possui um sistema que a permite abrir em folio na frente das varandas e janelas. Estas portadas deslizantes, quando abertas, conferem um efeito dinâmico nas fachadas cortando a monotonia do plano.



Figura 91 – Zona privada/dormir. Pormenor das portadas em folio.

O padrão que compõe a pele do edifício surgiu no sentido, de também, este volume se relacionar com a vila mas, acima de tudo, com o lugar e a sua história. Foi neste contexto que se desenhou este padrão, inspirado em elementos presentes no brasão de família dos Sousa do Prado.

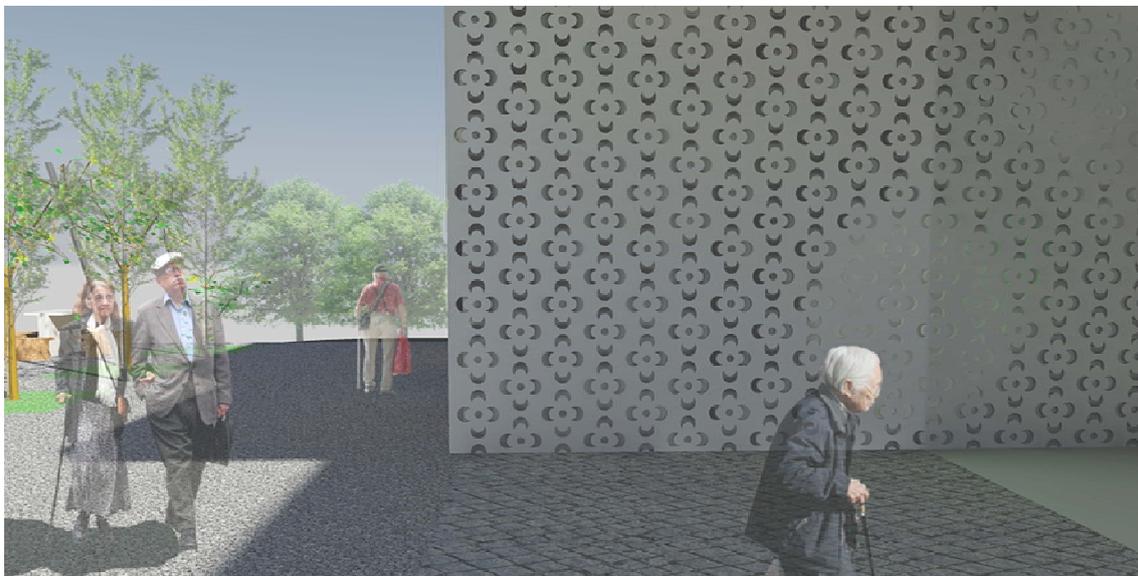


Figura 92 – Zona da entrada. Pormenor do padrão da fachada falsa.

4. Desenhos

4. Desenhos

Este capítulo é referente à representação gráfica do projecto de arquitectura da Residência Assistida Condes do Prado em Beringel. Os desenhos com as representações à escala estão agrupados em anexo. Os elementos que se seguem são uma reprodução dos mesmos.

Plantas

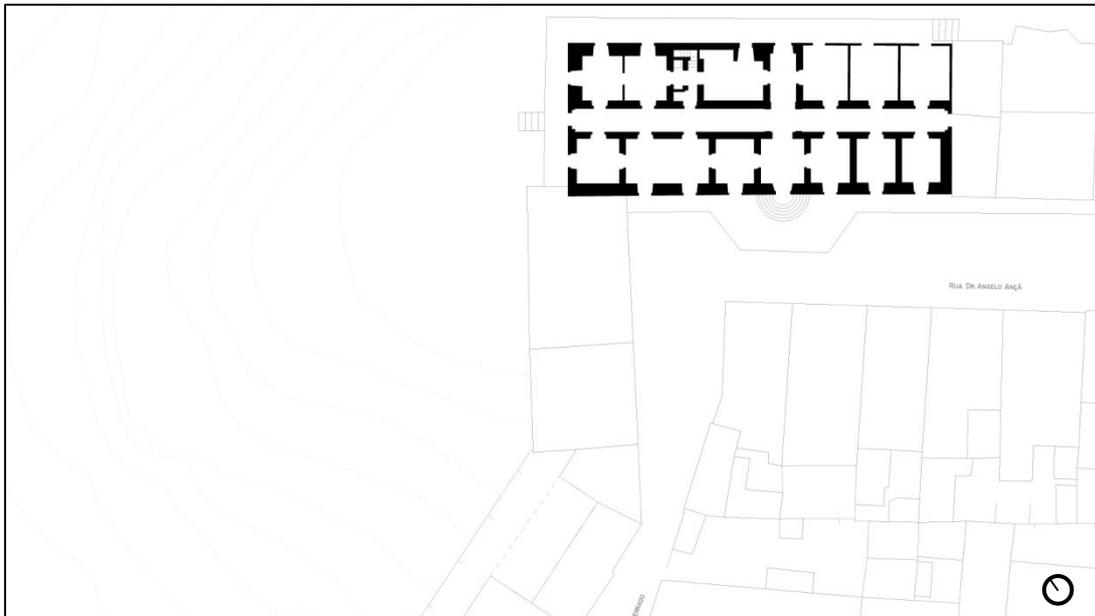


Figura 93 – Planta piso 0. Existente.



Figura 94 – Planta piso 0. Planta de alterações.

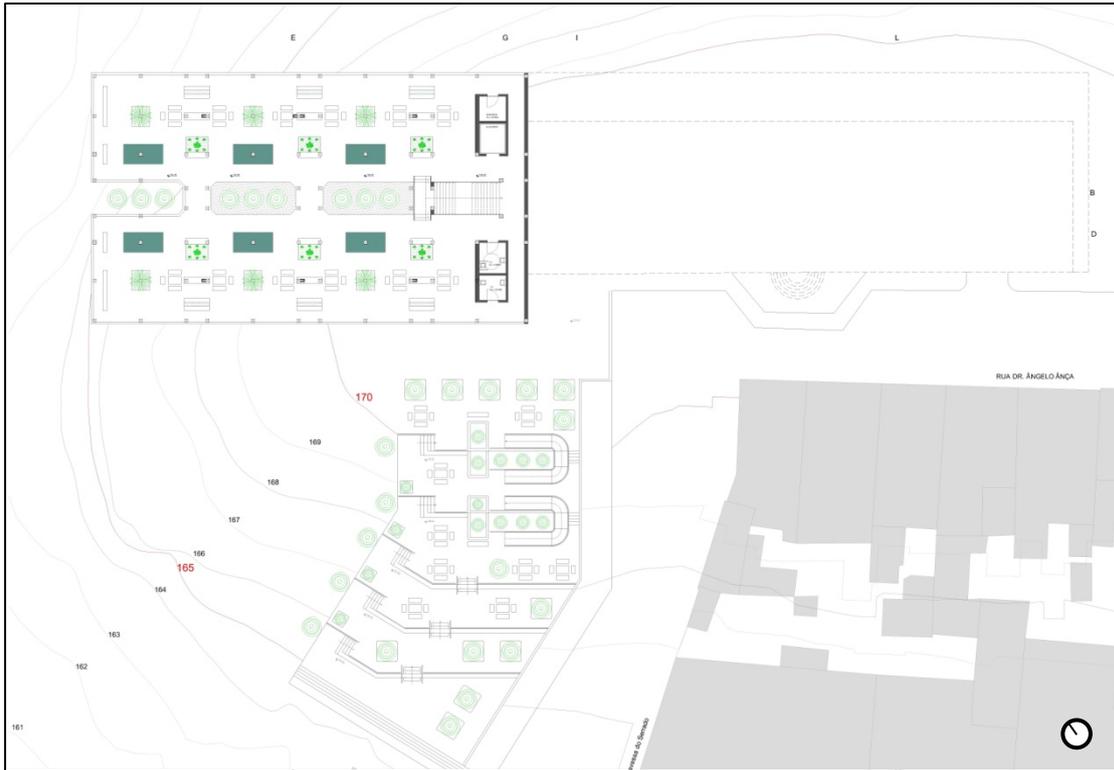


Figura 95 – Planta piso -1. Jardim abrigado.



Figura 96 – Planta piso 0.

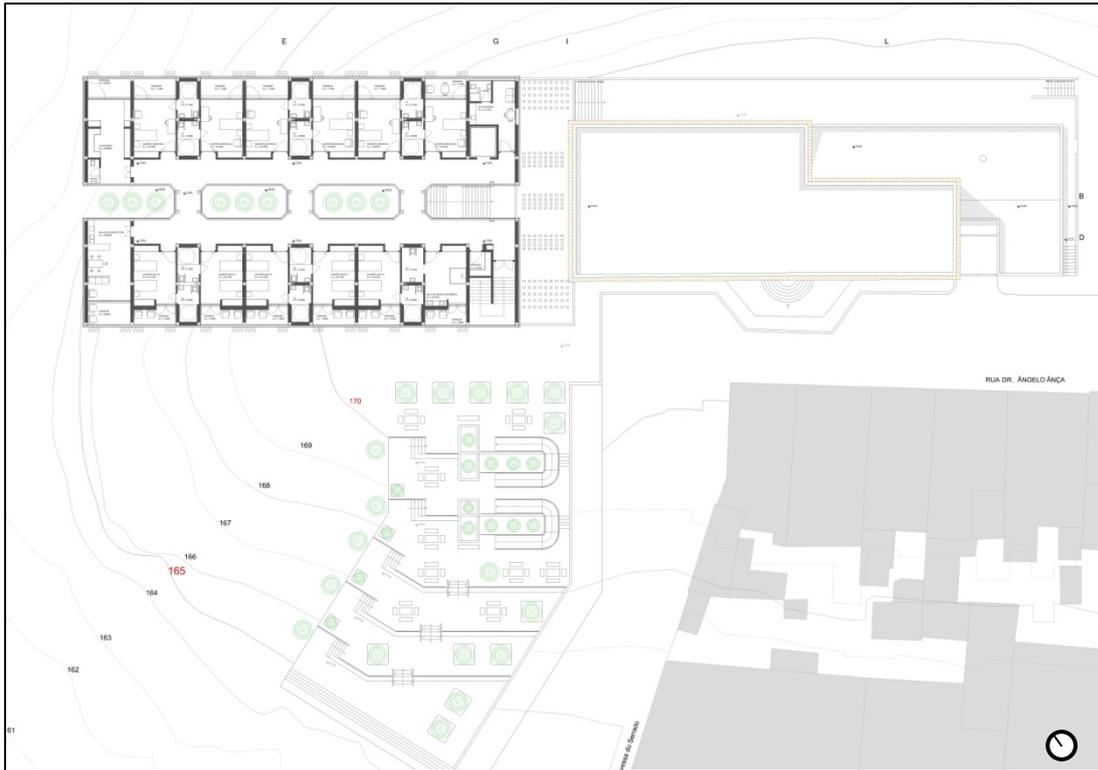


Figura 97 – Planta piso 1.

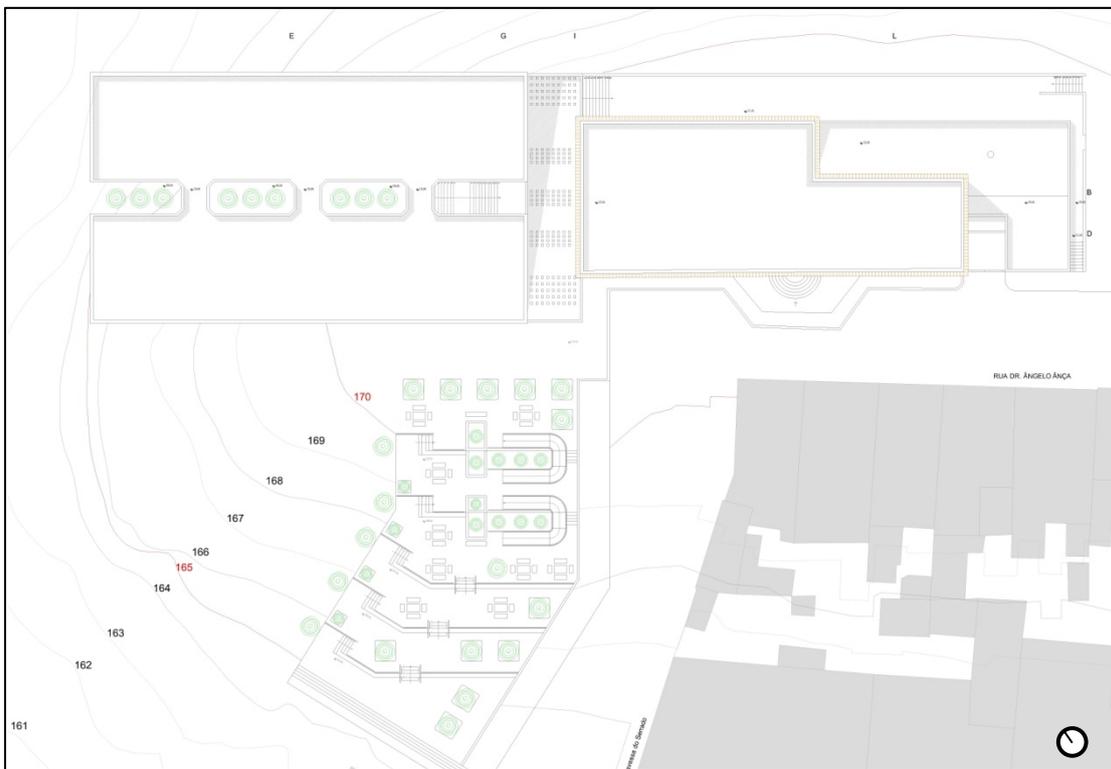


Figura 98 – Planta da cobertura

Secções



Figura 99 – Secção AB

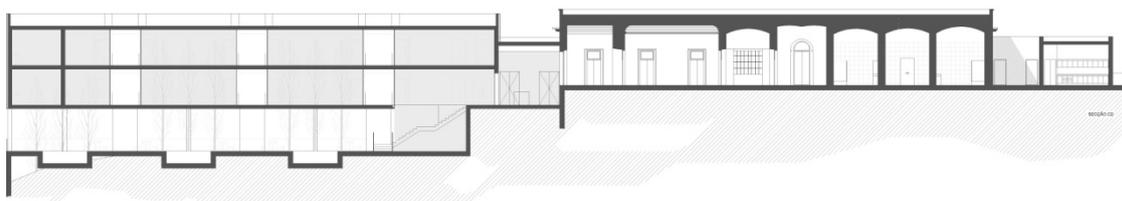


Figura 100 – Secção CB

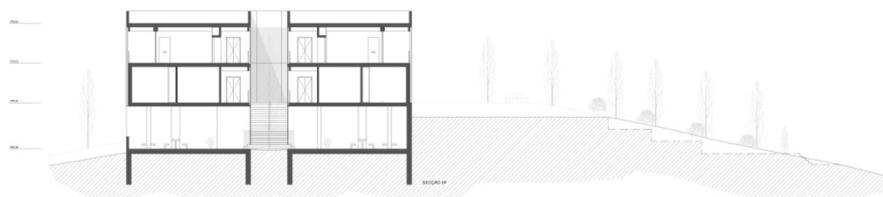


Figura 101 – Secção EF

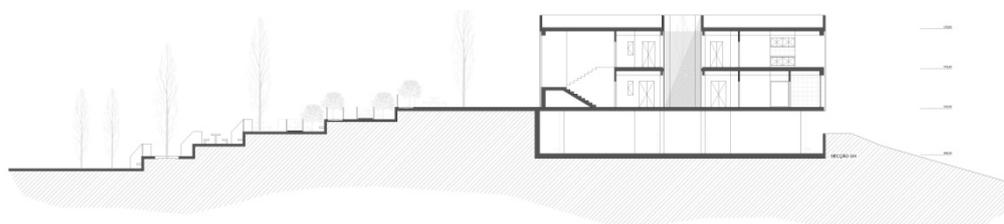


Figura 102 – Secção GH

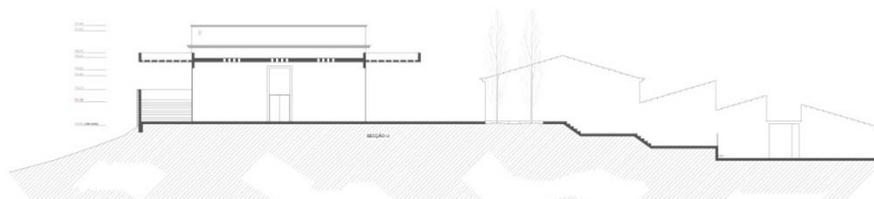


Figura 103 – Secção IJ

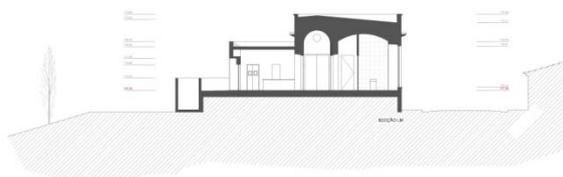


Figura 104 – Secção LM

Alçados

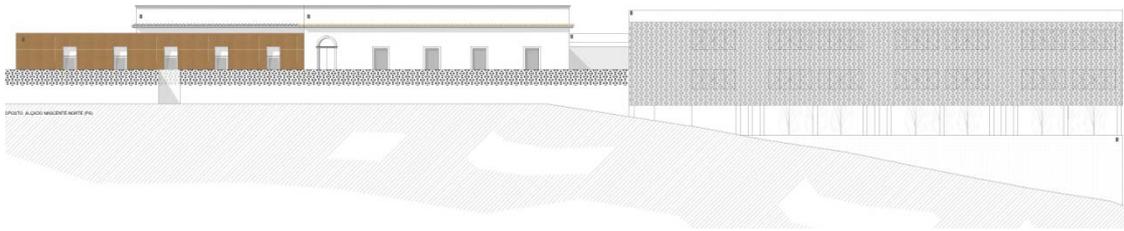


Figura 105 – Alçado Nascente-Norte

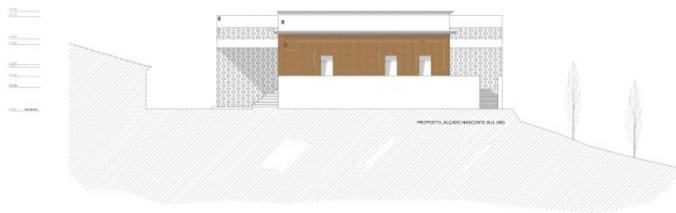


Figura 106 – Alçado Nascente-Sul

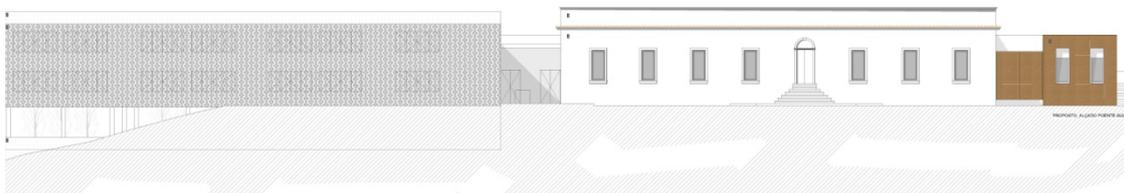


Figura 107 – Alçado Poente-Sul

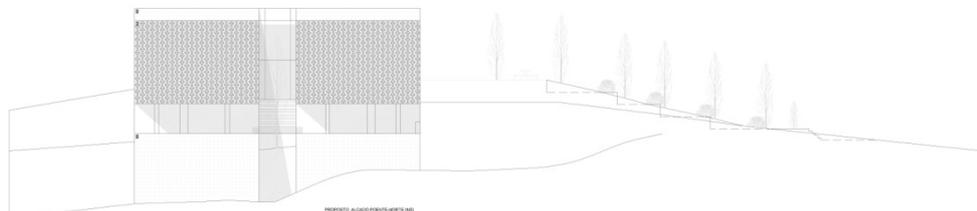


Figura 108 – Alçado Poente-Norte

Considerações finais

Qual vai ser o nosso papel na sociedade quando tivermos 60, 70 ou 80 anos? Numa altura em que os governos dos vários países da Europa se apercebem que o Velho Continente está, de facto, a envelhecer e de forma acelerada, traçam-se estratégias para parar a involução da pirâmide demográfica.

Envelhecimento activo parece ser a palavra que define o plano para integrar os mais idosos numa sociedade que pretende tirar maior partido da contribuição dos maiores de 65 anos. Facto é que, de acordo com os Censos 2011, no ano 2050 37,72% (19,15% em 2011) dos cidadãos terão uma idade igual ou superior a 65 anos e a percentagem de crianças e jovens com menos de 15 anos rondará os 14,4% (14,89% em 2011).

A sociedade encara cada vez mais a população idosa com parte indispensável na sociedade e define estratégias que visam acima de tudo proporcionar aos idosos uma vida longa, saudável, activa e com independência. O desenvolvimento de equipamentos sociais com características próprias para geriatria fará certamente parte da estratégia de integração dos idosos na sociedade.

A inversão da tendência demográfica é algo que, como sabemos, não poderá ser alcançada a curto prazo. Porém, quando esse fenómeno for contrariado e houver uma regeneração sólida do tecido demográfico, as necessidades dessa sociedade do futuro serão inevitavelmente diferentes das da sociedade contemporânea.

De acordo com os exemplos de edifícios para cidadãos da terceira idade estudados, podemos concluir que existe, de facto, um tipo de arquitectura específica que se destina ao uso geriátrico. Todos os projectos apresentados organizaram-se em programas cujo objectivo é manter os seus utentes activos, em conforto e em contacto com a cultura e o meio de onde provinham.

As diferenças entre os edifícios dos arquitectos Peter Zumthor, Toyo Ito e Frederico Valssassina têm que ver apenas com o lugar, com a forma e dimensão e com sua materialidade, uma vez que os materiais usados são apelos à memória dos seus moradores. Porém no edifício de Alcácer do Sal do *atelier* Aires Mateus, percorre-se um caminho inverso nesta matéria, mas com o mesmo objectivo, ou seja, proporcionar conforto aos seus idosos.

Dizer que uma residência geriátrica se pode enquadrar num conceito que se posiciona entre a habitação e o hospital, não será, talvez, a melhor forma de a definir. A velhice não é uma doença, logo a função de uma residência não tem de ter como objectivo principal a cura. O seu objectivo principal passará, sim, por integrar os idosos na sociedade, mante-los participativos e activos para que não haja perda de independência e reduzir a necessidade de recorrer à medicina. Uma residência geriátrica é um equipamento que protege os utentes e proporciona o seu bem-estar através de uma organização cuidada de espaços e de entrada de luz para que a pequena sociedade que a habita se envolva facilmente com o lugar em redor.

Observando os exemplos demonstrados por Herman Hertzberger na obra *Lições de Arquitectura* facilmente concluímos que a função que hoje um edifício apropria, independentemente da sua forma, da sua dimensão e/ou lugar onde está implantado, não é definitiva e está sob influência do dinamismo da sociedade. Este facto leva a que, quando o arquitecto projecta um qualquer edifício para um qualquer uso específico, tenha que ter em consciência a mudança a que a sua obra está sujeita.

Será, portanto, importante preparar o edifício para receber outras funções diferentes da função original para o qual foi projectado. Todavia, este facto não pode interpor-se entre o compromisso assumido com a acomodação inicial e todas as apropriações que poderão vir no futuro, sob pena de ser criado um espaço vazio e sem identidade.

A chave da flexibilidade dum edifício está na sua estrutura. Este elemento permite liberdade de interpretação individual prevalecendo sempre (veja-se o exemplo da mega-estrutura do plano de Le Corbusier para Argel). No caso dos edifícios o conceito é similar, vejamos o caso do edifício De Drie Hoven de Herman Hertzberger, em que a sua estrutura permitiu aos seus utilizadores ajustar o espaço as necessidades que surgiam, sem aviso prévio ao seu autor. No entanto, o facto de o edifício ser flexível não quer necessariamente dizer que este seja capaz de responder com eficácia a todas as funções que acomoda. A maior ou menor flexibilidade depende da similaridade dos programas que queremos ajustar à estrutura. Contudo, é sempre legítimo tentar antecipar a que outros usos se podem prestar a estrutura e a forma projectadas. Esta antecipação pode contribuir para uma menor flexibilização do espaço tornando-o polivalente a vários usos.

A capacidade que se dá a um edifício de apropriar diferentes usos com diferentes compartimentações, dá-lhe simultaneamente a possibilidade de resistir ao tempo é à sua passagem, sem que este veja comprometida a sua identidade. Independentemente da função que esteja no seu interior, os conceitos estruturais e volumétricos sobre os quais assentaram a sua concepção, contribuirão para que a sua imagem perante a cidade permaneça intacta.

Bibliografia

ANÇÃ, Ângelo. “ A Freguezia de Beringel: Apontamentos históricos e estatísticos”, in *Album Alentejano*. Beringel: s/d.

CARNEIRO, Roberto (coord.), *O Envelhecimento da População: Dependência, Activação e Qualidade*, Centro de Estudos dos Povos e culturas de Expressão Portuguesa. Lisboa, FCH-UCP, 2012.

CECILIA, Fernando Marqués. “Aires Mateus.” *El Croquis*, 2011: Edição n.º 154.

HERTZBERGER, Heman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

INE. *Estatísticas Demográficas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2009.

INE. *Projeções de População Residente 2012-2060*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2014.

INE. *O Envelhecimento em Portugal: Situaçãodemográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas*.Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2002.

MOSTAEDI, Arian. *Residences for Elderly*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 1998.

RAMOS, Tiago. *Habitar/Envelhecer no Século XXI: Mobilidade e Proximidade*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2011.

REED, Roland [et al.] *Designing assisted living facilities to foster a sense of home*, Housing and Society, Vol. 34, n.º 2, 2007.

REGNIER, Victor. *Design for Assisted Living, Guidelines for housing the phisicallt and mentally frail*. Nova Iorque: John Wiley and Sons, 2002.

SALDANHA, Helena. *Viver Bem para Bem Envelhecer*. Lisboa: Lidel, 2009.

SOARES, Manuel. *Habitar/Envelhecer no Século XXI: Memória e Ambientes na Arquitectura*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2011.

VAZ, Sérgio. *A Depressão do Idoso Institucionalizado: Estudo em Idosos Residentes em Lares do Distrito de Bragança*. Porto: Universidade do Porto, 2009.

VIANA, Abel, *Beringel (Notas Monográficas)*, Beringel, Junta de Freguesia de Beringel, 1989.

ZUMTHOR, Peter. *Peter Zumthor Works: Buildings and Projects, 1979-1997*. Basel: Birkhauser, 1999.

Referência bibliográficas electrónicas

Archdaily. *Alcacer do Sal Residences/Aires Mateus*. [em linha]. 6 Fev.2013. Disponível em WWW: URL: <http://www.archdaily.com/328516/alcacer-do-sal-residences-aires-mateus/>>.

Bella Toscana. *Galleria Fotografica Toscana*. [em linha]. 2013. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.toscanabella.com/images1/fullscreen/Lucca.jpg>>.

CHRISTINYCA. *Morningside Heights - Columbia University: Low Memorial Library*. [em linha]. Set.2007. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.flickr.com/photos/christinyca/4542703815/>.com.>.

Dezeen Magazine. *House for elderly people by Aires Mateus Architects*. [em linha]. 7 Fev.2011. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: <http://www.dezeen.com/>>.

FREITAS, Ana. *O lar de idosos dos Aires Mateus finalista do Mies. Público* [em linha]. 23 Abr. 2013. [Consult. 16 Mar. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.publico.pt>>.

GALINSKY. *Home for SeniorCitizens, Chur, Switzerland: Peter Zumthor*. [em linha]. 2001. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: [http://www.galinsky.com />](http://www.galinsky.com/).

Go There Guide. *Rockefeller Center Information and Pictures*. [em linha]. 2013. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.gothereguide.com.>>.

Googleearth. [em linha]. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: <http://www.google.com/earth/index.html>>.

GUERRA, Fernando. *456 - Aires Mateus | Lar de Idosos | Alcácer do Sal, Pt*. [em linha]. 2011. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>>.

ITO, Toyo. *Old People's House in Yatsushiro*. [em linha]. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: [http:// www.toyo-ito.co.jp/>](http://www.toyo-ito.co.jp/).

MELLO, Cristina. *O Viaduto das Artes: Lojas e Café*. [em linha]. 31Ago. 2012. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.cristinamello.com.br>>.

Parisinfo. *Paris Viaduc des Arts*. [em linha]. Paris 2010. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL:<http://en.parisinfo.com/shopping-paris/73812/Paris-Viaduc-des-Arts>>

VALSSASSINA, Frederico. *Residências Assistidas da Parede*. [em linha]. [Consult. 30 Abr.2014]. Disponível em WWW: URL: [http:// www.fvarq.com/>](http://www.fvarq.com/).

Legislação

Decreto-Lei nº 163/2006, de 8 de Agosto – Lei das Acessibilidades

Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de Novembro – Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndio em Edifícios

Portaria nº 67/2012, de 21 de Março - Regulamento para Equipamentos Geriátricos